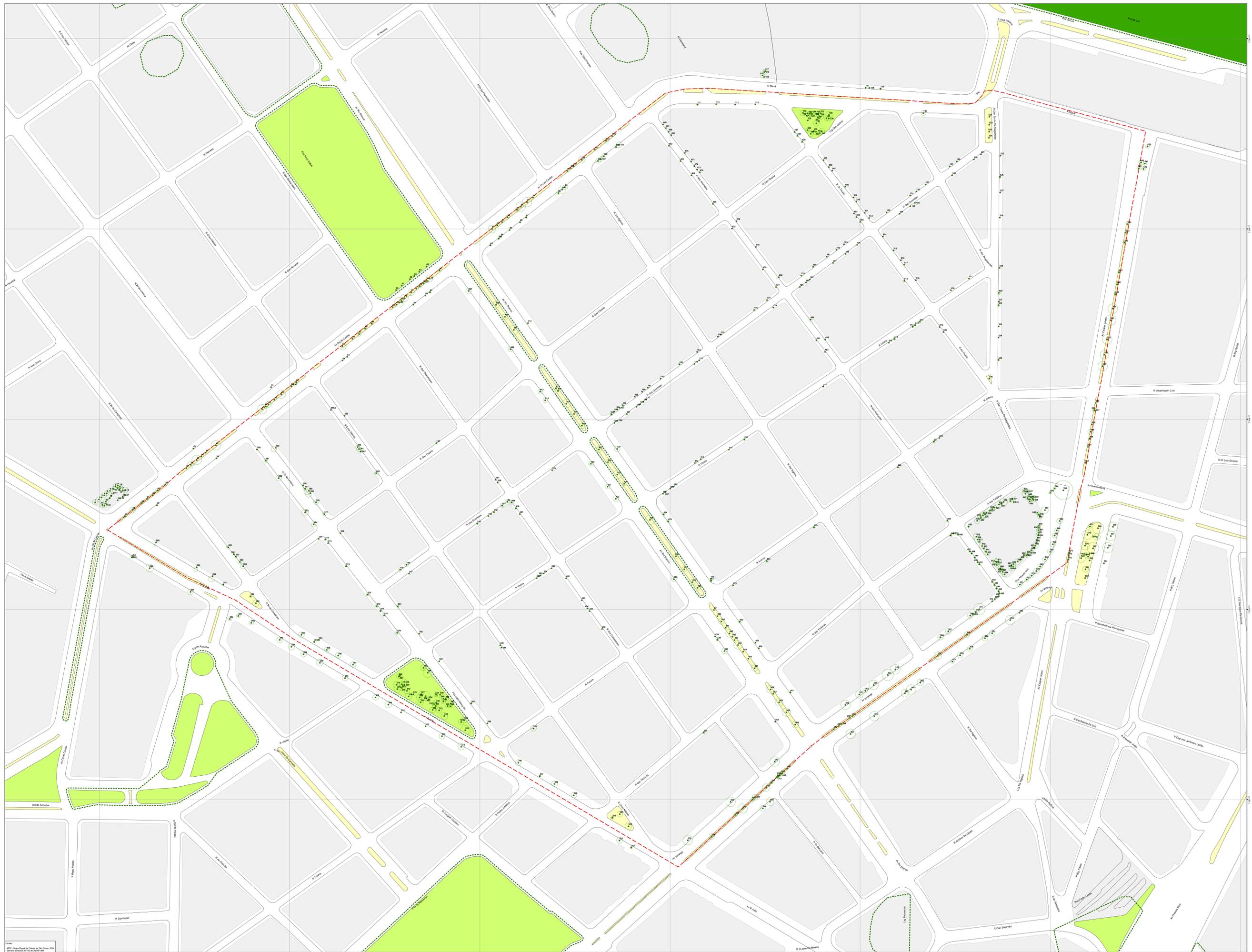


**CADASTRO DA VEGETAÇÃO DE PORTE ARBÓREO 1:1250 (1 Folha)**  
**ANEXO 10.3-1**



10  
Diagnóstico Socioambiental

- AD - Área de Influência Direta
- ADI - Área Diretamente Indireta
- Quilômetro
- Parque
- Praça
- Placete
- Vegetação Significativa do Município de São Paulo  
Decreto Estadual 21.442 de 20/09/1989



**PROJETO NOVA LUZ**  
ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL - EIA  
Meio Biológico  
Cadastro da Vegetação de Porte Arbóreo e Vegetação Significativa do Município de São Paulo



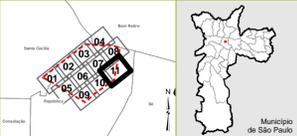
**CADASTRO DA VEGETAÇÃO DE PORTE ARBÓREO 1:500 (11 Folhas)**  
**ANEXO 10.3-2**



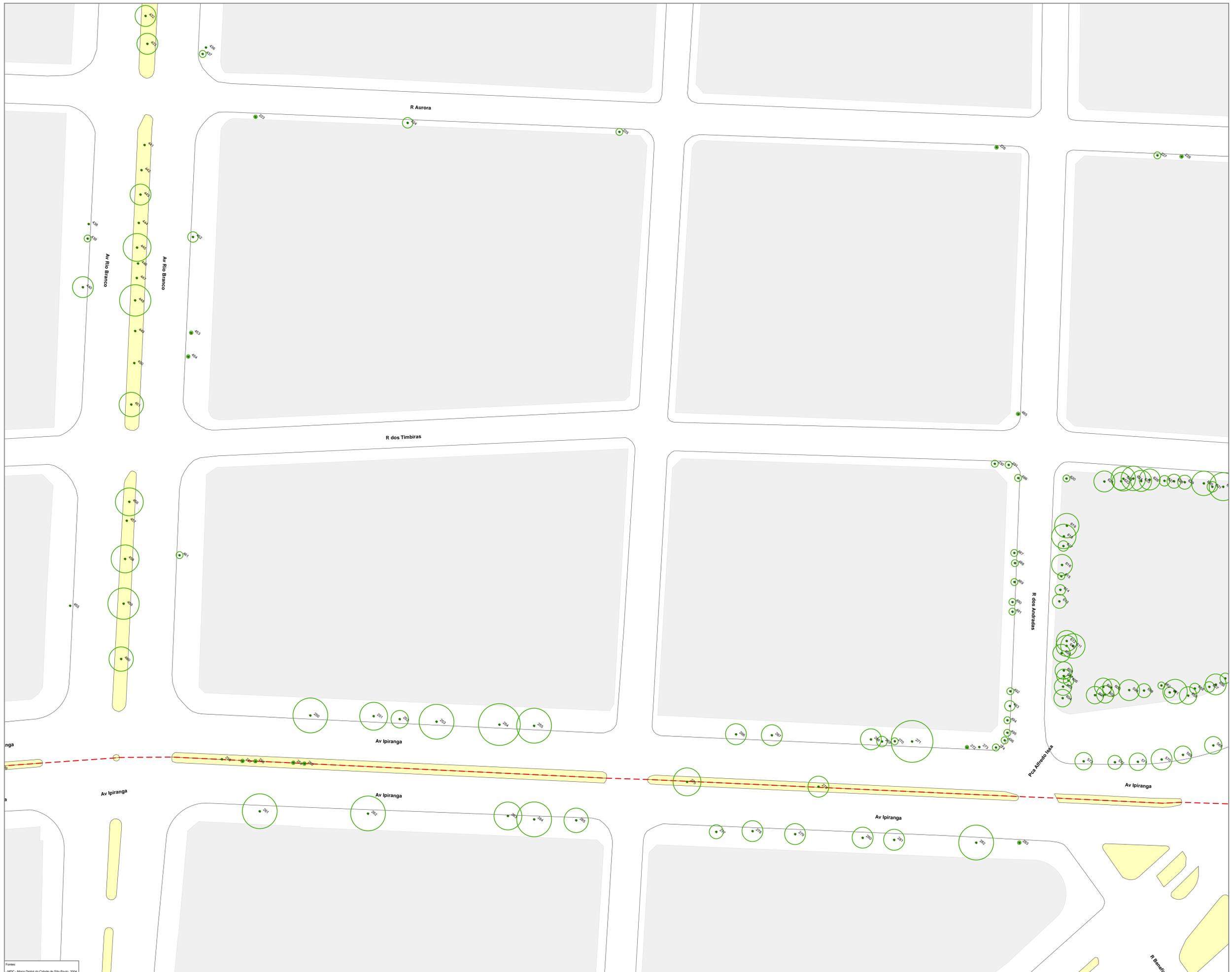
Fon: MDC - Mapa Digital da Cidade de São Paulo, 2004

## 10 Diagnóstico Socioambiental

- ADA - Área Diretamente Afetada
- Quadra Predial
- Canterno
- Praça
- Parque
- Projeção das Copas
- Vegetação Arbórea

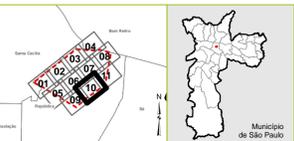
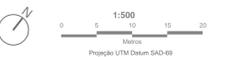


**PROJETO NOVA LUZ**  
**ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL - EIA**  
**Meio Biótico**  
 Cadastro da Vegetação de Porte Arbóreo Existente no Sistema Viário.



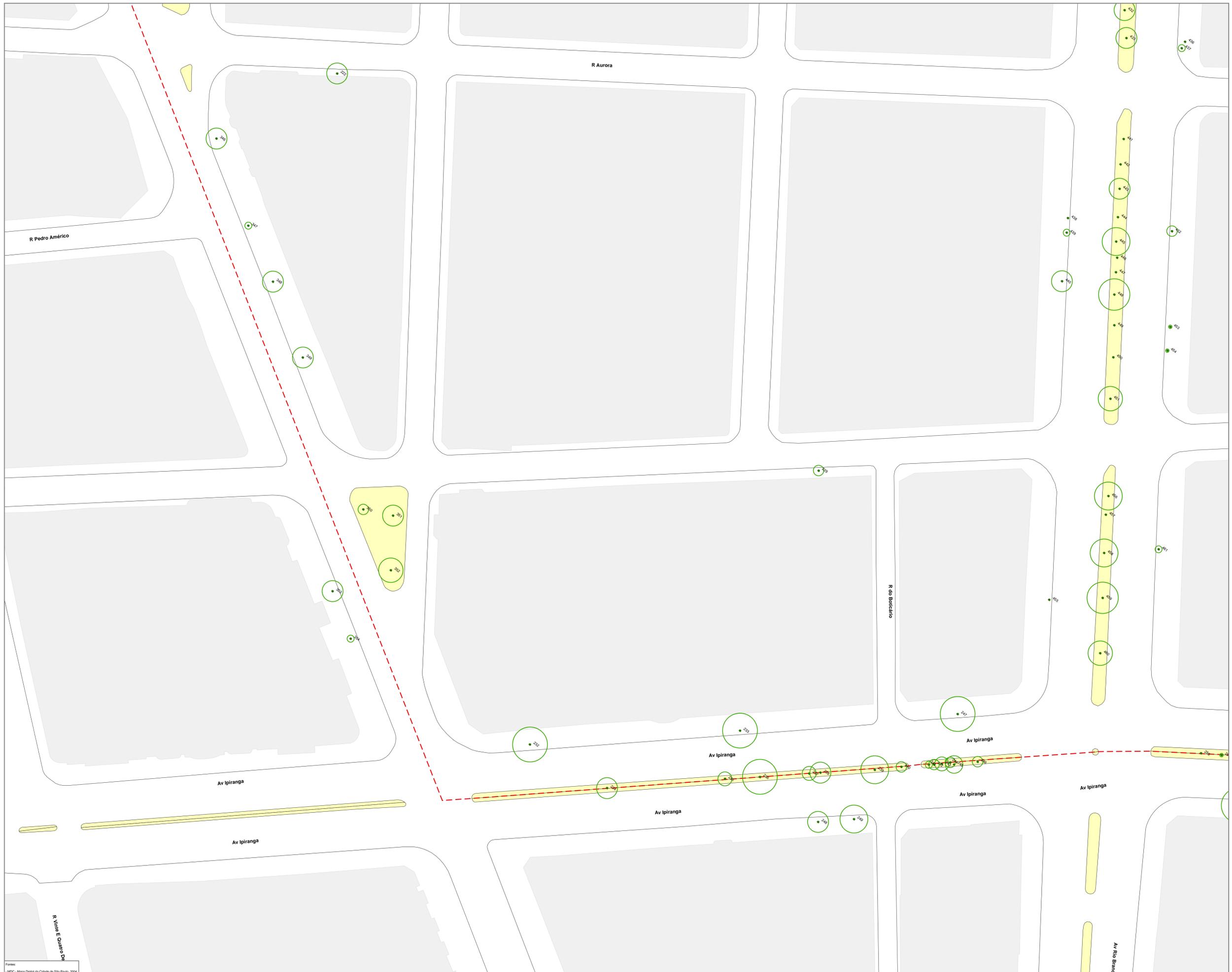
## 10 Diagnóstico Socioambiental

- ADA - Área Diretamente Afetada
- Quadra Predial
- Cantero
- Praça
- Parque
- Projeção das Copas
- Vegetação Arbórea



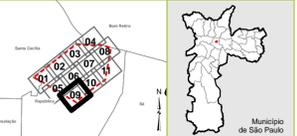
**PROJETO NOVA LUZ**  
**ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL - EIA**  
**Melo Biótico**  
 Cadastro da Vegetação de Porte Arbóreo Existente no Sistema Viário.

Data: 9 / 6 / 2011      Figura: 10.3-2  
 Revisão: R01      Folha: 10/11



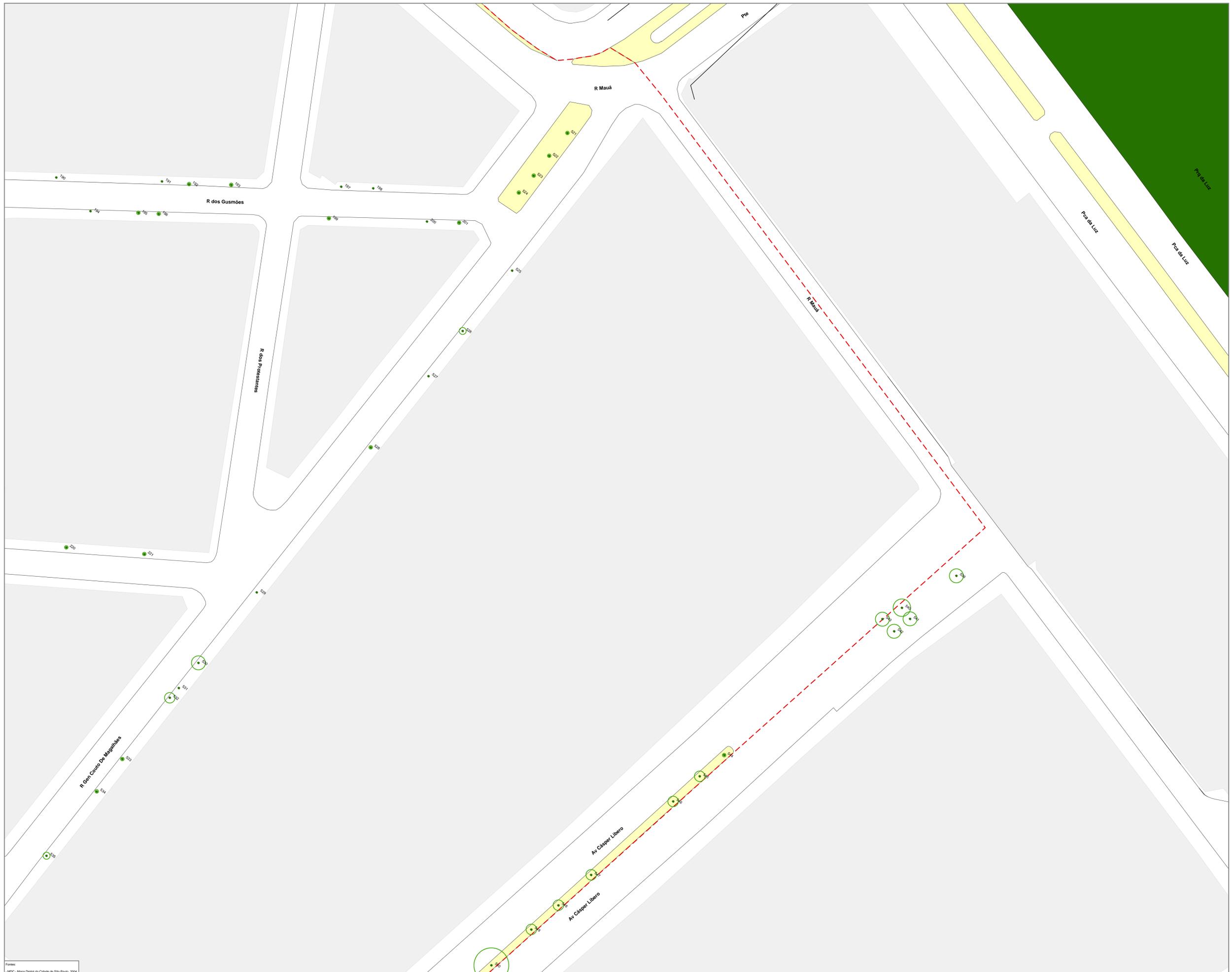
## 10 Diagnóstico Socioambiental

- ADA - Área Diretamente Afetada
- Quadra Predial
- Canteiro
- Praça
- Parque
- Projeção das Copas
- Vegetação Arbórea



**PROJETO NOVA LUZ**  
**ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL - EIA**  
**Meio Biótico**  
 Cadastro da Vegetação de Porte Arbóreo Existente no Sistema Viário.

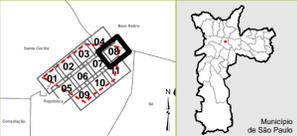
Data: 9 / 6 / 2011      Figura: 10.3-2  
 Revisão: R01      Folha: 09/11



Fon: MDC - Mapa Digital da Cidade de São Paulo, 2004

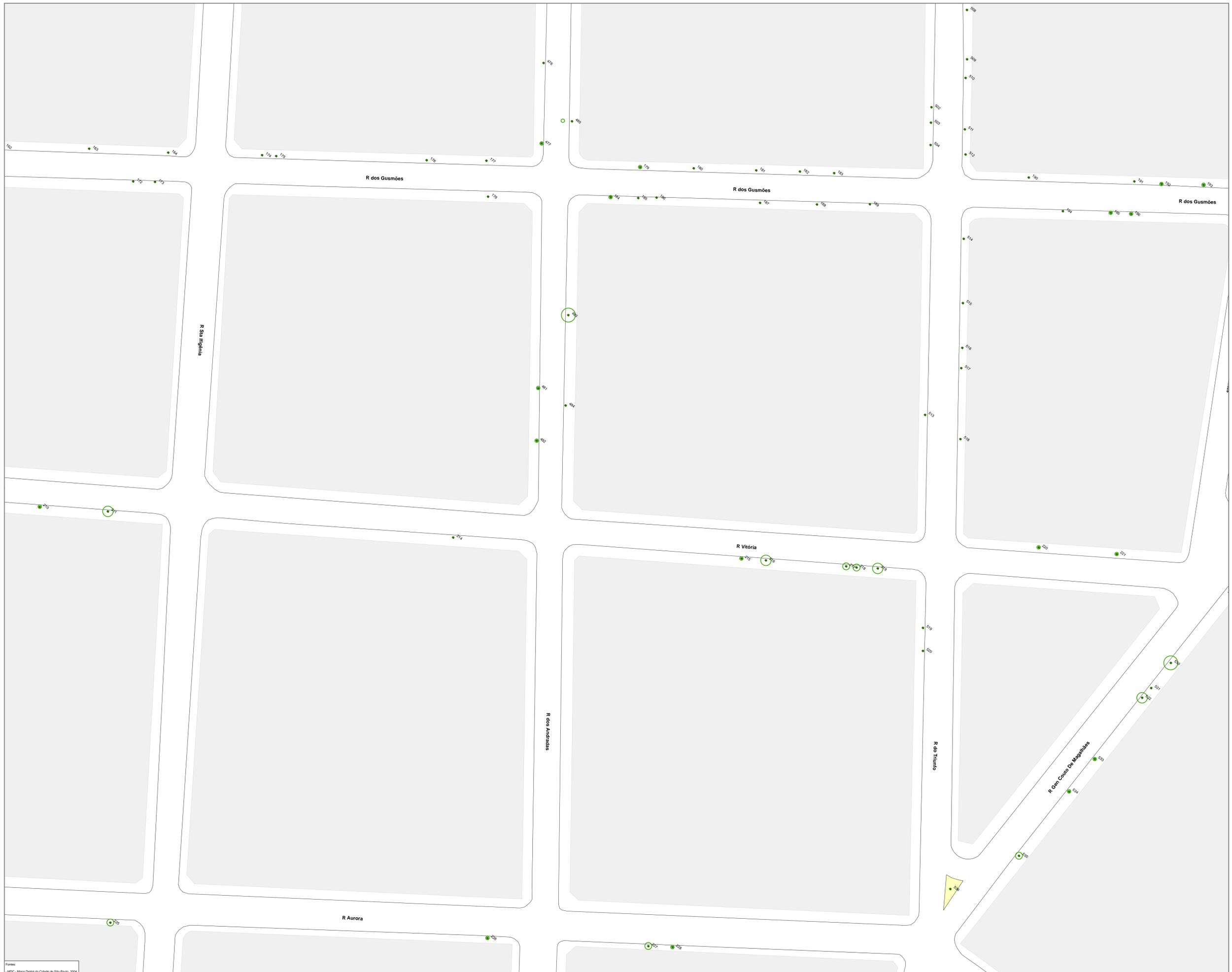
## 10 Diagnóstico Socioambiental

- ADA - Área Diretamente Afetada
- Quadra Predial
- Canterno
- Praça
- Parque
- Projeção das Copas
- Vegetação Arbórea



**PROJETO NOVA LUZ**  
ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL - EIA  
Meio Biótico  
Cadastramento da Vegetação de Porte Arbóreo Existente no Sistema Viário.

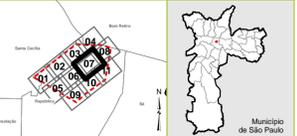
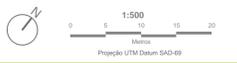
Data: 9 / 6 / 2011  
Revisão: R01  
Figura: 10.3-2  
Folha: 08/11



Fonte:  
L.MDC - Mapa Digital da Cidade de São Paulo, 2004

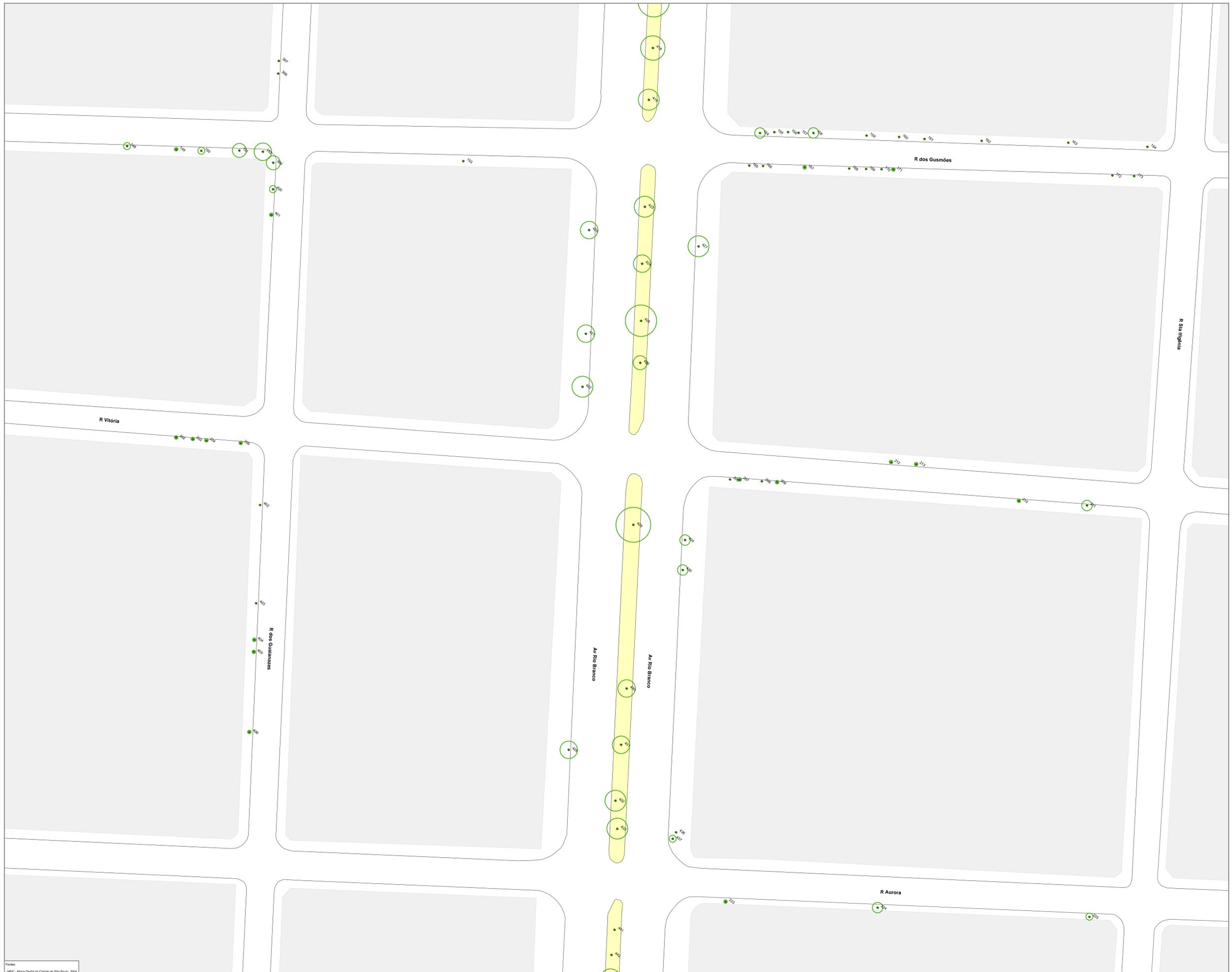
## 10 Diagnóstico Socioambiental

- ADA - Área Diretamente Afetada
- Quadra Predial
- Canterno
- Praça
- Parque
- Projeção das Copas
- Vegetação Arbórea



**PROJETO NOVA LUZ**  
**ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL - EIA**  
 Meio Biótico  
 Cadastro da Vegetação de Porte Arbóreo Existente no Sistema Viário.

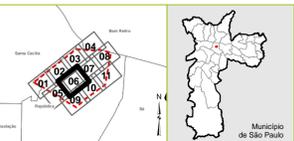
Data: 9 / 6 / 2011  
 Revisão: R01  
 Figura: 10.3-2  
 Folha: 07/11



Fornecido por: MDC - Mapa Digital da Cidade de São Paulo, 2004

## 10 Diagnóstico Socioambiental

- ADA - Área Diretamente Afetada
- Quadra Predial
- Calçada
- Praça
- Parque
- Projeção das Copas
- Vegetação Arbórea



**PROJETO NOVA LUZ**  
**ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL - EIA**  
**Meio Biótico**  
 Cadastro da Vegetação de Porte Arbóreo Existente no Sistema Viário.

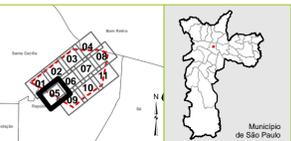
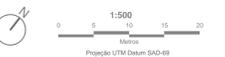
Data: 9 / 6 / 2011      Figura: 10.3-2  
 Revisão: R01      Folha: 06/11



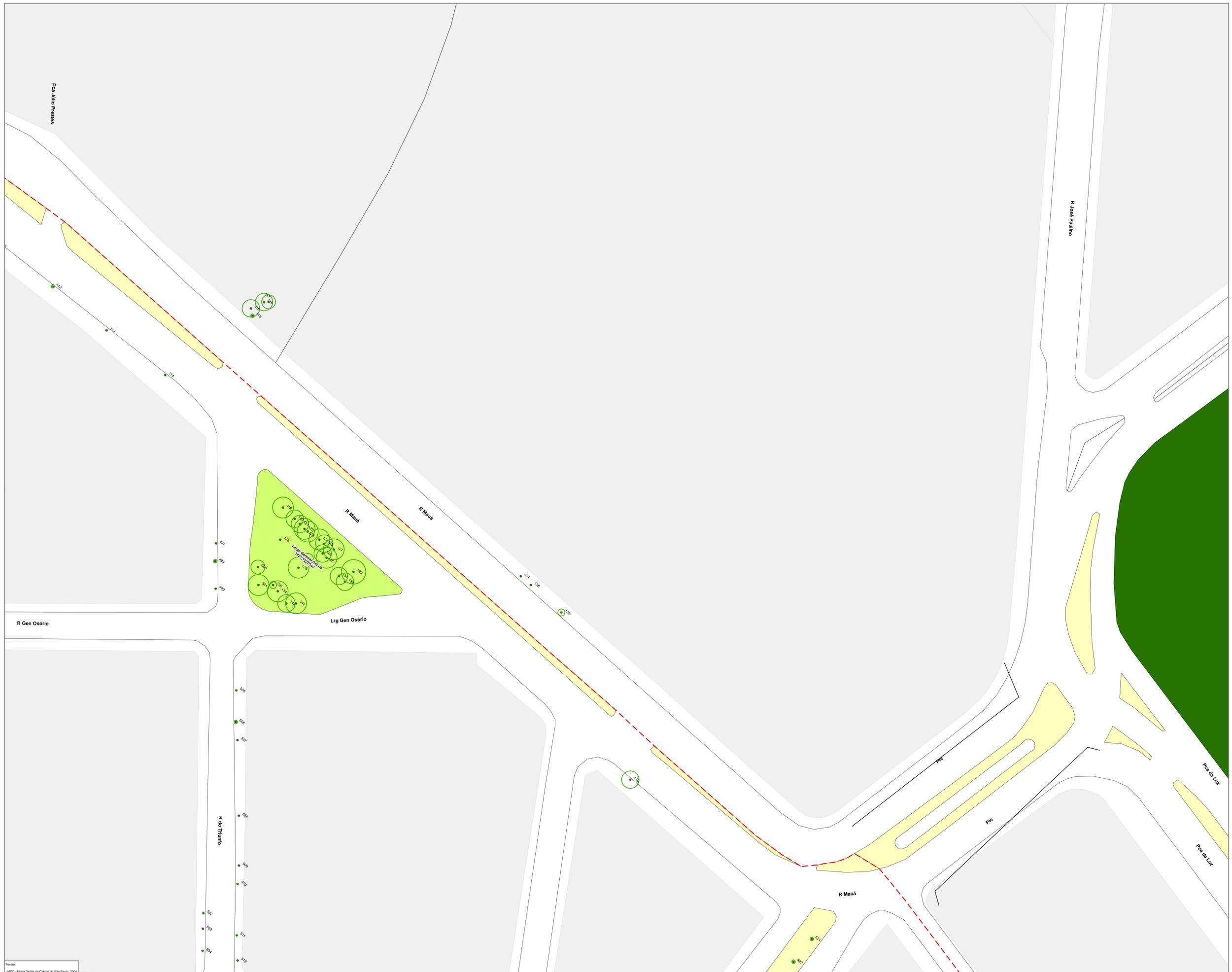
Fornecido por:  
MDC - Mapa Digital da Cidade de São Paulo, 2004

## 10 Diagnóstico Socioambiental

- ADA - Área Diretamente Afetada
- Quadra Predial
- Calçadão
- Praça
- Parque
- Projeção das Copas
- Vegetação Arbórea



**PROJETO NOVA LUZ**  
ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL - EIA  
Meio Biótico  
Cadastramento da Vegetação de Porte Arbóreo Existente no Sistema Viário.



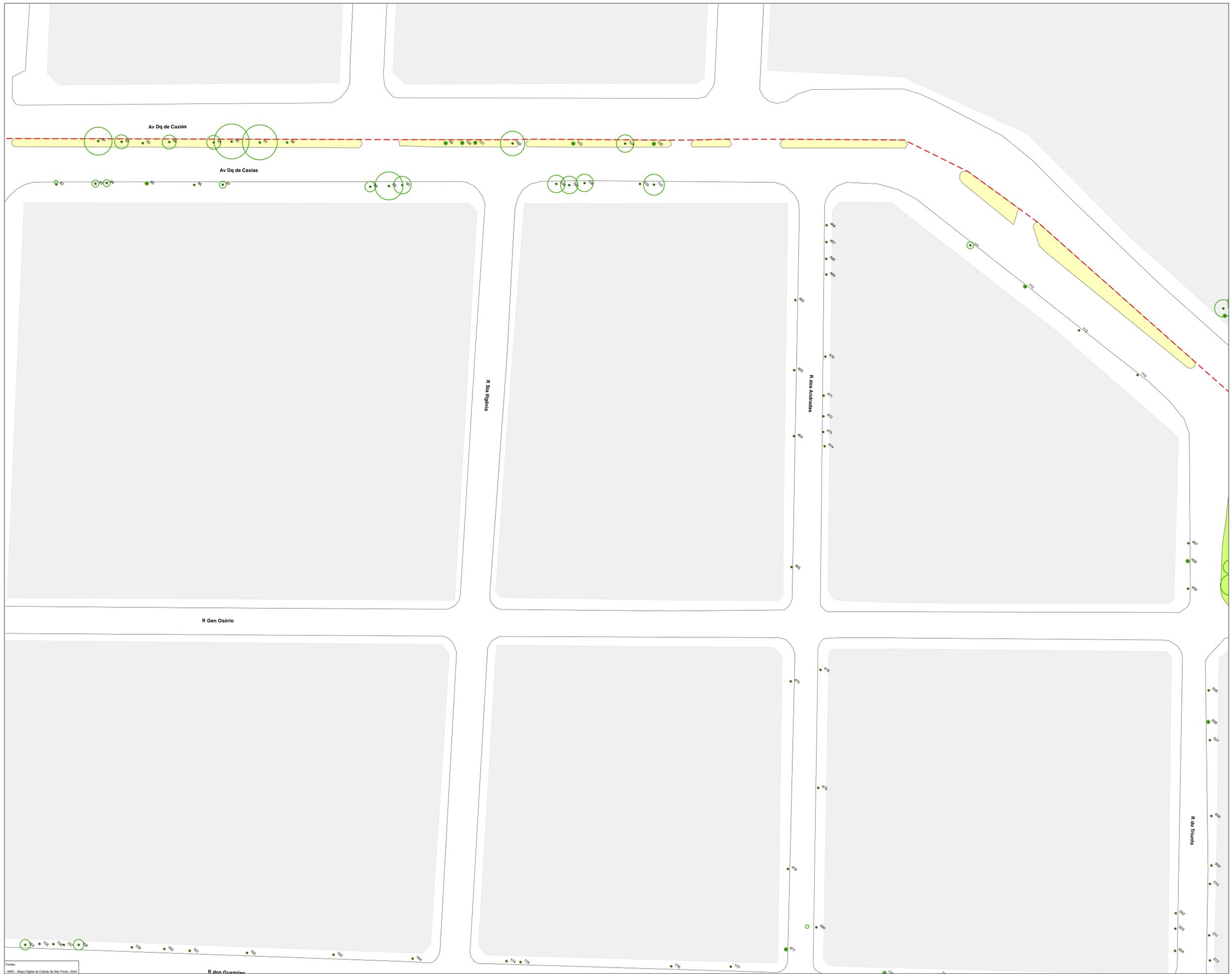
## 10 Diagnóstico Socioambiental

- ADA - Área Diretamente Afetada
- Quadra Predial
- Parque
- Praça
- Parque
- Projeção das Copas
- Vegetação Arbórea



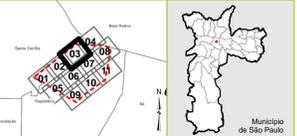
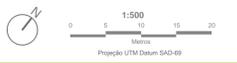
**PROJETO NOVA LUZ**  
**ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL - EIA**  
 Meio Biótico  
 Cadastro da Vegetação de Porte Arbóreo Existente no Sistema Viário.

Data: 9 / 6 / 2011  
 Revisão: R01  
 Figura: 10.3-2  
 Folha: 04/11



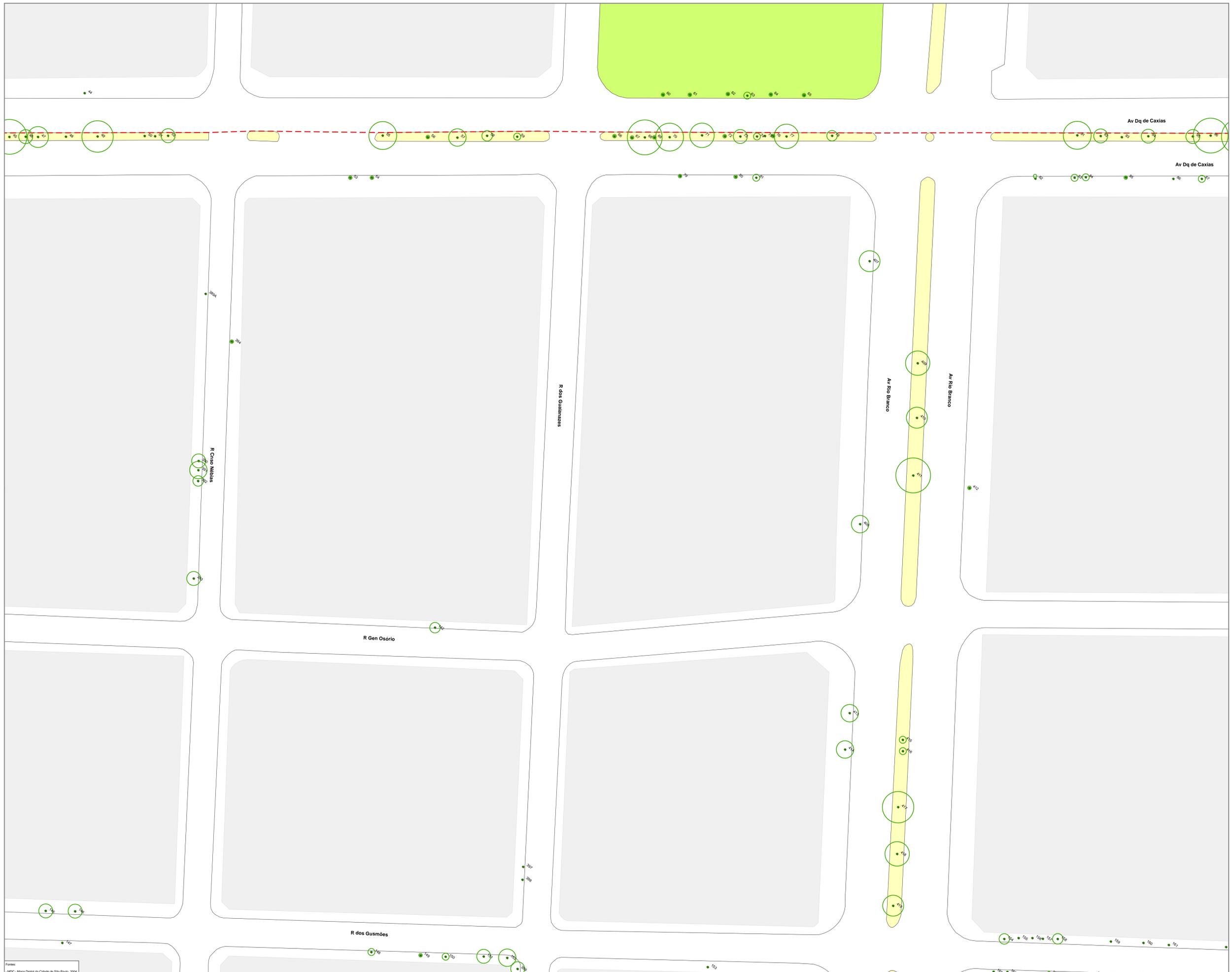
## 10 Diagnóstico Socioambiental

- └─┘ ADA - Área Diretamente Afetada
- Quadra Predial
- Praça
- Parque
- Projeção das Copas
- Vegetação Arbórea



**PROJETO NOVA LUZ**  
**ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL - EIA**  
**Meio Biótico**  
 Cadastro da Vegetação de Porte Arbóreo Existente no Sistema Viário.

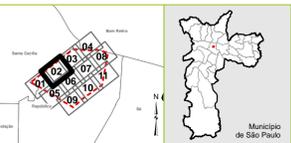
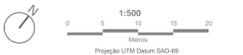
Data: 9 / 6 / 2011      Figura: 10.3-2  
 Revisão: R01      Folha: 03/11



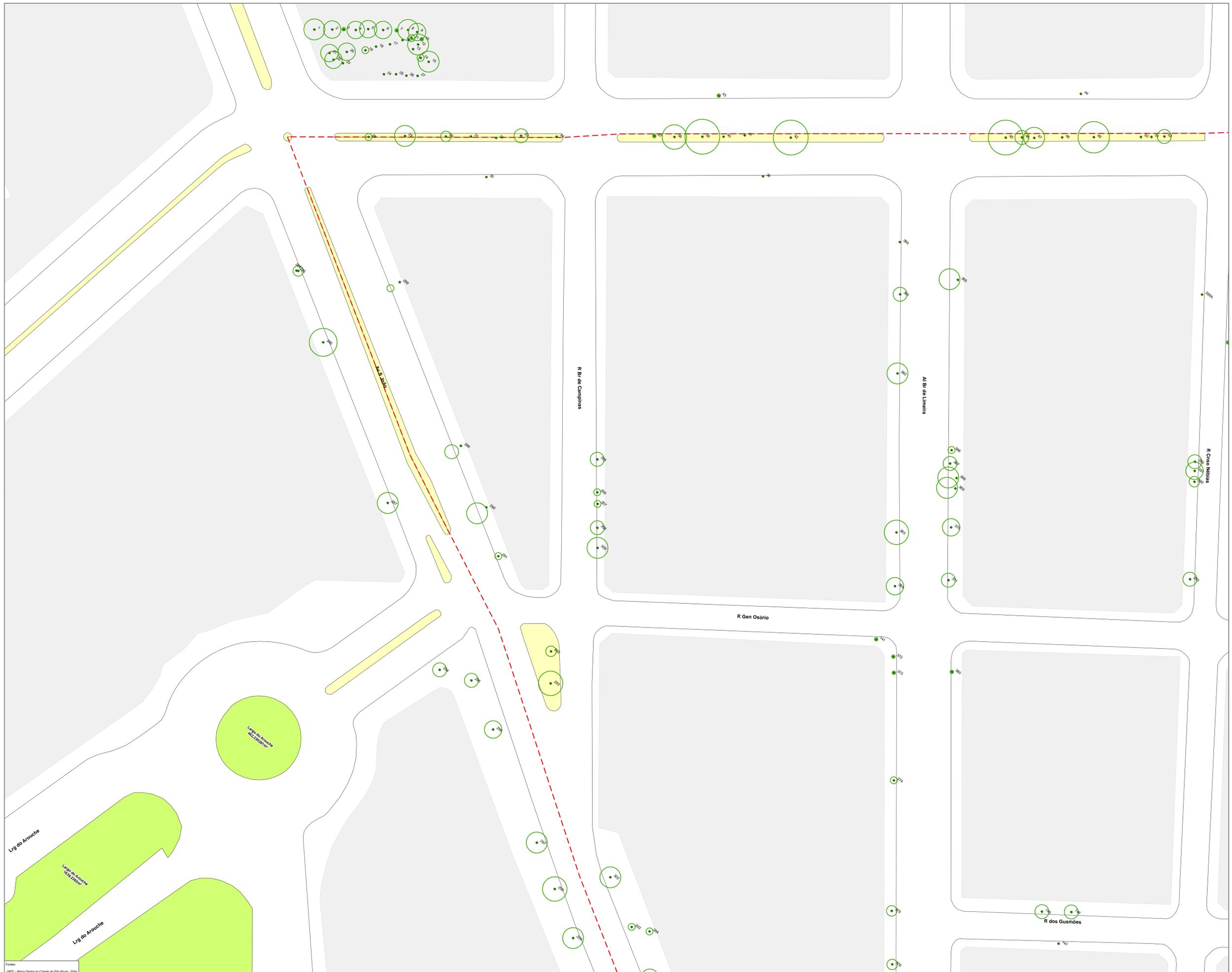
Fuente:  
 - MDC - Mapa Digital da Cidade de São Paulo, 2004

## 10 Diagnóstico Socioambiental

- ADA - Área Diretamente Afetada
- Quadra Predial
- Calçada
- Praça
- Parque
- Projeção das Copas
- Vegetação Arbórea

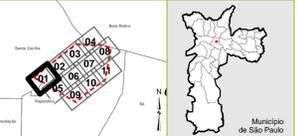
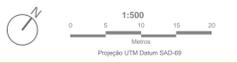


**PROJETO NOVA LUZ**  
 ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL - EIA  
 Meio Biótico  
 Cadastro da Vegetação de Porte Arbóreo Existente no Sistema Viário.



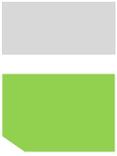
## 10 Diagnóstico Socioambiental

- ADA - Área Diretamente Afetada
- Quadra Predial
- Canteiro
- Praça
- Parque
- Projeção das Copas
- Vegetação Arbórea



**PROJETO NOVA LUZ**  
**ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL - EIA**  
 Meio Biótico  
 Cadastro da Vegetação de Porte Arbóreo Existente no Sistema Viário.

Data: 9 / 6 / 2011      Figura: 10.3-2  
 Revisão: R01      Folha: 01/11



# CADASTRO DA VEGETAÇÃO DE PORTE ARBÓREO NA ADA – TABELAS

ANEXO 10.3-3

## Levantamento Arbóreo realizado na ADA

Nº	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
1	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	n	9	7	6	27	27	b	
2	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	n	9	7	5	24	24	b	
3	resedá	<i>Lagerstroemia indica</i>	e	4	2	1	5	5	b	
4	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	n	10	7	5	23	23	b	
5	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	n	10	7	5	33	33	b	
6	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	n	9	6	5	25	25	b	
7	resedá	<i>Lagerstroemia indica</i>	e	4	2	1	4+4	8	m	
8	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	n	11	7	6	32	32	b	
9	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	n	10	7	5	26	26	b	
10	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	3	2	1,5	5	5	b	
11	resedá	<i>Lagerstroemia indica</i>	e	5	2	2	4+5	9	m	
12	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	n	10	7	6	36	36	b	
13	-	não identificada	-	6	4	0	5	5	-	
14	resedá	<i>Lagerstroemia indica</i>	e	5	2	2	9	9	m	
15	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	n	10	7	6	29	29	m	
16	-	não identificada	-	6	2	0	5	5	-	
17	-	não identificada	-	5	4	0	6	6	-	
18	-	não identificada	-	6	4	0	6	6	-	
19	resedá	<i>Lagerstroemia indica</i>	e	4	2	2	5+7	12	b	
20	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	9	6	5	23	23	b	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
21	mulungu	<i>Erythrina sp.</i>	n	7	5	5	33	33	b	
22	espátodea	<i>Spathodea nilotica</i>	e	8	5	5	38	38	m	
23	-	não identificada	-	6	3	0	6	6	-	
24	resedá	<i>Lagerstroemia indica</i>	e	6	5	0,5	6	6	m	
25	resedá	<i>Lagerstroemia indica</i>	e	6	5	0,5	6	6	m	
26	resedá	<i>Lagerstroemia indica</i>	e	5	4	0,5	6	6	m	
27	resedá	<i>Lagerstroemia indica</i>	e	4	2	0,5	6	6	m	
28	chapéu-de-napoleão	<i>Thevetia peruviana</i>	n	4	1,5	2	9+6+6+5+6	32	m	
29	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	10	6	6	51	51	r	tronco danificado, cupim
30	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	6	4	3	25	25	m	
31	-	não identificada	-	6	3	0	7	7	-	
32	amoreira	<i>Morus nigra</i>	e	6	2	5	9+12+14	35	m	
33	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	7	5	4	32	32	r	tronco danificado, cupim
34	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	5	4	0,5	12	12	b	
35	-	não identificada	-	6	4	0	7	7	-	
36	-	não identificada	-	6	2	0	7	7	-	
37	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	6	2	1	5	5	m	
38	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	17	10	7	57	57	b	
39	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	17	10	10	64	64	b	com Ficus
40	morta	-	-	5	5	0	4	4	-	
41	-	não identificada	-	5	1,5	0	7	7	-	muda
42	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	18	12	10	5	5	r	tronco danificado na base

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
43	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	6	4	1,5	7	7	m	
44	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	5	2	0,5	7	7	b	
45	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	12	7	10	51	51	b	
46	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	7	5	4	25	25	m	ramos cortados e mortos
47	abacateiro	<i>Persea americana</i>	e	7	4	6	37	37	m	
48	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	5	3	0,5	6	6	b	
49	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	12	6	9	66	66	b	
50	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	4	2	0,5	9	9	b	muda
51	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	5	4	0,5	7	7	b	muda
52	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	6	2	4	37	37	b	
53	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	6	4	1	7	7	b	
54	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	4	2	1	7	7	b	
55	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	10	8	8	54	54	r	tronco danificado na base, cupim
56	ipê-roxo-de-sete-folhas	<i>Tabebuia pentaphylla</i>	e	3	2	1,5	5	5	b	
57	leucena	<i>Leucena leucocephala</i>	e	9	6	5	35	35	b	inclinada
58	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	6	3	3	25	25	b	
59	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	5	2	2	10	10	b	
60	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	6	4	1	6	6	b	muda
61	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	6	4	1	6	6	b	muda
62	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	5	2	1	5	5	b	muda
63	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	6	4	2	6	6	b	muda

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
64	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	5	2	1,5	7	7	b	muda
65	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	6	4	1	6	6	b	
66	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	4	2	1	7+6	13	b	muda
67	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	5	3	1	9	9	b	muda
68	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	10	8	10	51	51	b	
69	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	5	4	1	8	8	b	muda
70	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	10	7	8	31	31	b	
71	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	10	7	7	46	46	b	
72	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	4,5	2	1	6	6	b	
73	ipê-de-El-Salvador	<i>Tabebuia pentaphylla</i>	e	5	3	4	19	19	b	
74	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	6	4	2	8	8	b	muda
75	-	não identificada	-	4	2	0	5	5	-	muda
76	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	5	3	1,5	8	8	b	muda
77	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	10	8	7	43	43	b	
78	nespereira	<i>Eriobotrya japonica</i>	e	4	2	3	14+6+13+10	43	m	
79	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	6	4	1	7	7	b	
80	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	7	5	1,5	7	7	b	
81	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	5	3	2	8	8	b	
82	ipê-branco	<i>Tabebuia roseo-alba</i>	n	2	1,5	1	4+4+4	12	b	muda
83	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	5	2	2	7+5+7+8+3+3	33	b	
84	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	n	7	5	2	11	11	b	
85	pata-de-vaca	<i>Bauhinia variegata</i>	e	5	3	1	6	6	b	muda

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
86	pata-de-vaca	<i>Bauhinia variegata</i>	e	4	2	0,5	7	7	m	muda
87	árvore-da-china	<i>Koelreuteria bipinnata</i>	e	5	2	2	17	17	r	tronco danificado, ramos cortados
88	pata-de-vaca	<i>Bauhinia variegata</i>	e	4	2	3	18	18	m	inclinada
89	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	12	7	8	26+26+24+35	111	b	tronco danificafo
90	pata-de-vaca	<i>Bauhinia variegata</i>	e	5	2	5	13+17	30	b	ramos cortados
91	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	10	7	8	51	51	r	tronco danificado na base, tronco oco, cupim
92	espátodea	<i>Spathodea nilotica</i>	e	8	4	4	27	27	b	
93	morta	-	-	5	4	0	5	5	-	
94	espátodea	<i>Spathodea nilotica</i>	e	6	4	4	26	26	b	
95	espátodea	<i>Spathodea nilotica</i>	e	6	4	4	17	17	r	tronco danificado na base
96	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	20	10	10	67	67	b	
97	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	18	10	10	63	63	r	tronco danificado na base, tronco oco, cupim
98	-	não identificada	-	5	4	0	5	5	-	
99	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	2	1,5	1	4+4	8	b	
100	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysostricha</i>	n	2	1,5	1,5	5+3	8	b	
101	-	não identificada	-	3	2,5	1	5+3	8	-	
102	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	8	4	7	39	39	b	
103	-	não identificada	-	6	4	1	6	6	-	
104	abacateiro	<i>Persea americana</i>	e	9	7	5	24	24	b	
105	-	não identificada	-	5	4	1	5	5	-	
106	palmeira-Imperial	<i>Roystonea oleracea</i>	e	7	5	5	46	46	b	
107	palmeira-Imperial	<i>Roystonea oleracea</i>	e	6	5	5	43	43	b	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
108	palmeira-Imperial	<i>Roystonea oleracea</i>	e	7	5	5	53	53	b	
109	morta	-	-	5	4	0	6	6	-	
110	árvore-da-china	<i>Koelreuteria bipinnata</i>	e	7	5	6	33	33	b	
111	ipê-roxo-de-sete-folhas	<i>Tabebuia heptaphylla</i>	n	4	2	2	7	7	b	muda
112	ipê-roxo-de-sete-folhas	<i>Tabebuia heptaphylla</i>	n	2	1,7	1,5	3+3+3	9	b	muda
113	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	4	2	0,5	7	7	b	muda
114	morta	-	-	4	2	0	5	5	-	muda
115	araucaria-excelsa	<i>Araucaria columnaris</i>	e	12	8	5	20	20	b	
116	areca-bambu	<i>Dyopsis lutescens</i>	e	6	4	5	10+9+8+6+7+4+6	50	b	
117	areca-bambu	<i>Dyopsis lutescens</i>	e	6	4	4	8+8+5+5+6	32	b	
118	pitombeira	<i>Talisia sp.</i>	n	4	1,5	1,5	4	4	b	
119	tamareira-das-canárias	<i>Phoenix canariensis</i>	e	10	6	6	63	63	b	
120	tamareira-das-canárias	<i>Phoenix canariensis</i>	e	9	6	5	51	51	b	tronco danificado, cupim
121	tamareira-das-canárias	<i>Phoenix canariensis</i>	e	10	6	5	62	62	r	
122	tamareira-das-canárias	<i>Phoenix canariensis</i>	e	10	6	6	64	64	b	
123	palmeira-de-saia	<i>Washingtonia filifera</i>	e	18	15	6	56	56	m	cupim
124	tamareira-das-canárias	<i>Phoenix canariensis</i>	e	10	7	6	70	70	b	
125	palmeira-de-saia	<i>Washingtonia filifera</i>	e	17	14	5	48	48	b	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
126	palmeira-de-saia	<i>Washingtonia filifera</i>	e	16	14	5	47	47	b	
127	palmeira-de-saia	<i>Washingtonia filifera</i>	e	18	15	6	47	47	b	
128	palmeira-de-saia	<i>Washingtonia filifera</i>	e	18	16	6	51	51	b	
129	tamareira-das-canárias	<i>Phoenix canariensis</i>	e	11	8	7	61	61	b	
130	areca-bambu	<i>Dyopsis lutescens</i>	e	4	3	5	8+6+6+6+6+6+5+5	48	b	
131	dedaleiro	<i>Lafoensia pacari</i>	n	5	3	5	20	20	b	
132	dedaleiro	<i>Lafoensia pacari</i>	n	5	4	3	11	11	b	
133	tamareira	<i>Phoenix dactylifera</i>	e	7	1,7	6	96	96	b	
134	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	8	6	6	24+22+27	73	m	
135	cítrico	<i>Citrus sp.</i>	e	4	2	2	6+6+4	14	b	
136	dedaleiro	<i>Lafoensia pacari</i>	n	7	4	5	17	17	b	
137	morta	-	-	6	4	0	8	8	-	
138	morta	-	-	6	4	0	7	7	-	
139	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	6	4	2	8	8	b	
140	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	n	6	4	5	18	18	b	
141	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	n	4	2	1,5	4	4	m	tronco danificado na base
142	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	5	2	3	6+4+4+4	18	b	variegata
143	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	8	4	5	19	19	r	tronco danificado
144	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	8	4	6	26	26	r	tronco danificado, cupim
145	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	5	2,5	4	14	14	m	
146	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	6	3	4	15	15	m	
147	morta	-	-	2	2	0	3	3	-	
148	árvore-orquidea	<i>Bauhinia blakeana</i>	e	3	2	2,5	7	7	m	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
149	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	4	2	1,5	10	10	m	variegata
150	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	5	2,5	2	9+7	16	m	
151	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	5	3	4	9	9	b	
152	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	14	10	5	22	22	b	
153	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	2,5	1,5	0,5	3	3	m	muda
154	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	n	4	2	3	7	7	b	
155	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	2	1,5	0,5	3	3	r	muda
156	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	2	0,5	4	4	m	muda
157	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	2,5	2	0,5	3	3	m	muda
158	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	n	5	3	3	8	8	b	
159	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	2	0,5	3	3	m	muda
160	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	2,5	2	0,5	3	3	r	muda
161	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	2	0,5	3	3	m	muda
162	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	4	2	0,5	3	3	m	muda
163	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	4	2	0,5	3	3	r	muda
164	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	4	2	0,5	3	3	m	muda
165	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	2	0,5	4	4	m	muda
166	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	2	0,5	3	3	m	muda
167	resedá	<i>Lagerstroemia indica</i>	e	4	2	1,5	5	5	r	inclinada
168	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	4	2	0,5	3	3	m	muda
169	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	4	2	0,5	3	3	m	muda
170	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	2	1,5	0,5	3	3	r	muda
171	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	3	2	1	3	3	r	muda

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
172	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	2	0,5	3	3	m	muda
173	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	2,5	2	0,5	3	3	r	muda
174	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	4	2	0,5	3	3	m	muda
175	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	2	2	0,5	3	3	r	muda
176	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	2,5	2	0,5	3	3	m	muda - ramos quebrados
177	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	2	0,5	3	3	m	muda
178	morta	-	-	1,5	1,3	0	3	3	-	muda
179	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	3	2	1	3+3	6	r	muda
180	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	2,5	2	0,5	3	3	r	muda
181	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	2	1,5	0,5	3	3	r	muda
182	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	3	2	0,5	3	3	r	muda
183	morta	-	-	2	1,5	0	3	3	-	muda
184	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	2,5	1,5	1	3	3	m	muda
185	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	2,5	2	0,5	3	3	m	muda
186	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	3	2	0,5	3	3	r	muda
187	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	2,5	1,5	0,5	3	3	r	muda
188	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	2,5	1,5	0,5	3	3	r	muda
189	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	3	2	0,5	3	3	r	muda
190	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	2,5	1,5	0,5	3	3	r	muda
191	morta	-	-	2,5	1,5	0	3	3	-	muda
192	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	3	2	1	3	3	r	muda
193	ipezinho-de-jardim	<i>Tecoma stans</i>	e	3	2	1,5	4+4+3	11	m	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
194	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	3	1,5	0,5	3	3	m	muda - inclinada
195	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	3	2	1	4	4	m	muda
196	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	3	2	1	3	3	m	muda
197	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	2,5	1,5	0,5	3	3	m	muda
198	morta	-	-	2	1,5	0	3	3	-	muda
199	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	3	2	1	3	3	m	muda
200	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	2,5	1,5	0,5	3	3	r	muda
201	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	3	1,5	1	3	3	m	muda
202	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	3	2	1	6+4	10	m	
203	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	3	2	1	4+3	7	m	
204	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	4	2,5	1,5	7+6	13	m	
205	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	3,5	2	1	5+8	13	m	
206	esponjinha	<i>Calliandra inaequilatera</i>	e	1,7	1,5	0,5	5	5	r	podada
207	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	3	2	1	7+5+9	21	r	podada
208	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	3	2	0,5	5	5	m	ramos cortados
209	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	4	2	1	10	10	m	tronco danificado, podada, ramos cortados
210	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	3	1,5	1	3+3+3+4	13	m	
211	esponjinha	<i>Calliandra inaequilatera</i>	e	3	2	3	9	9	m	
212	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	3	2	1,5	6+3+5+4	18	m	
213	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	3	2	1,5	5+5+4+3	17	m	
214	resedá	<i>Lagerstroemia indica</i>	e	2	2	0,5	5	5	m	
215	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	n	3	2	1,5	4	4	r	podada

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
216	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	6	2	3	8+20	28	b	
217	aroerinha	<i>Schinus terebenthifolius</i>	n	3	2	2	6	6	m	
218	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	5	2	2,5	11	11	b	
219	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	5	2	3	10	10	b	ramos cortados
220	jacarandá-mimoso	<i>Jacaranda mimosifolia</i>	e	5	2	1,5	6	6	m	ramos cortados
221	jacarandá-mimoso	<i>Jacaranda mimosifolia</i>	e	6	4	1	6	6	m	
222	pata-de-vaca-branca	<i>Bauhinia variegata</i>	e	10	6	6	16	16	b	
223	esponjinha	<i>Calliandra inaequilatera</i>	e	3	2	1	5+12	17	m	ramos cortados
224	pata-de-vaca	<i>Bauhinia variegata</i>	e	7	3,5	3	9+10	19	b	
225	esponjinha	<i>Calliandra inaequilatera</i>	e	2,5	1,5	2	7	7	m	ramos cortados
226	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	n	3	2	1	4	4	b	
227	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	4,5	2	2	11	11	r	
228	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	3	1,5	1	6+6+3+3+5+4	30	m	ramos cortados
229	resedá	<i>Lagerstroemia indica</i>	e	5	2	3	7+5	12	m	
230	palmeira-rabo-de-peixe	<i>Caryota urens</i>	e	6	3	2	19	19	b	
231	palmeira-rabo-de-peixe	<i>Caryota urens</i>	e	5	2	2	12	12	b	
232	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	13	9	10	48	48	m	cupim
233	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	14	7	10	56	56	m	tronco danificado
234	santa-barbará	<i>Melia azedarach</i>	e	9	3	6	27	27	b	
235	eucalipto	<i>Eucalyptus sp.</i>	e	9	7	4	19	19	b	
236	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	10	6	10	48	48	b	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
237	santa-barbará	<i>Melia azedarach</i>	e	7	5	4	10	10	b	
238	santa-barbará	<i>Melia azedarach</i>	e	9	7	6	31	31	b	
239	leucena	<i>Leucena leucocephala</i>	e	7	3	8	26	26	m	inclinada
240	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	6	1,5	3	12+12	24	m	
241	cítrico	<i>Citrus sp.</i>	e	2	1,5	2	3+3+4	10	m	
242	santa-barbará	<i>Melia azedarach</i>	e	4	1,8	3	10	10	m	ramos cortados e mortos
243	santa-barbará	<i>Melia azedarach</i>	e	7	3	4	12	12	m	
244	santa-barbará	<i>Melia azedarach</i>	e	7	3	3	11+6+3	20	m	
245	santa-barbará	<i>Melia azedarach</i>	e	10	7	5	29	29	b	
246	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	6	3	3	23+9	32	b	
247	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	13	5	10	65	65	m	
248	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	10	7	6	45	45	r	tronco danificado na base, tronco oco, cupim
249	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	10	7	8	49	49	r	tronco danificado na base, tronco oco, cupim
250	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	10	7	10	47	47	m	tronco danificado na base
251	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	12	7	8	47	47	b	
252	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	9	5	5	17	17	m	tronco danificado
253	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	16	8	10	54	54	m	tronco danificado na base
254	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	15	7	12	43	43	m	inclinada
255	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	15	5	10	46	46	m	tronco danificado
256	ipê-roxo-de-sete-folhas	<i>Tabebuia heptaphylla</i>	n	4	2	0,5	5	5	m	
257	ipê-roxo-de-sete-folhas	<i>Tabebuia heptaphylla</i>	n	4	2	1	5	5	m	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
258	ipê-roxo-de-sete-folhas	<i>Tabebuia heptaphylla</i>	n	3	2	1	5	5	m	
259	ipê-roxo-de-sete-folhas	<i>Tabebuia heptaphylla</i>	n	3	1,7	1	4+6	10	b	
260	ipê-roxo-de-sete-folhas	<i>Tabebuia heptaphylla</i>	n	3	2	1	5	5	m	
261	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	18	6	10	57	57	m	inclinada
262	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	16	5	10	49	49	m	
263	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	14	6	8	47	47	b	inclinada
264	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	13	5	10	53	53	b	inclinada
265	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	10	5	7	40	40	b	inclinada
266	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	10	7	6	47	47	m	
267	sibiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	10	3	6	31	31	m	tronco danificado
268	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	12	6	6	39	39	m	
269	palmeira-rabo-de-peixe	<i>Caryota urens</i>	e	4	3	3	12	12	b	
270	palmeira-rabo-de-peixe	<i>Caryota urens</i>	e	4	3	2,5	13	13	b	
271	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	18	7	12	45	45	r	tronco danificado na base
272	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	3	2	1	3+3	6	b	
273	morta	-	-	2,5	2,5	0	12	12	-	
274	palmeira-rabo-de-peixe	<i>Caryota urens</i>	e	4	2	2	20	20	b	
275	sibiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	12	7	8	42	42	b	
276	sibiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	10	7	6	34	34	b	
277	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	n	6	3	4	29	29	m	ramos mortos
278	sibiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	10	6	6	36	36	r	tronco danificado na base, cupim
279	figueira-benjamin	<i>Ficus benamina</i>	e	10	5	6	44	44	r	tronco danificado na base, cupim

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
280	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	12	6	6	46	46	b	
281	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	10	5	6	40	40	r	tronco danificado na base, cupim, inclinada
282	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	17	6	10	64	64	b	
283	ipê-roxo-de-sete-folhas	<i>Tabebuia heptaphylla</i>	n	2,5	1,5	1	5	5	b	
284	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	5	2	3	13+8	21	b	
285	resedá	<i>Lagerstroemia indica</i>	e	2	1,7	0,5	4	4	r	sombreado
286	alecrim-de-campinas	<i>Holocalyx balansae</i>	n	10	7	8	48	48	m	inclinada
287	aldrago	<i>Pterocarpus violaceus</i>	n	8	2	6	34	34	b	
288	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	3,5	2	2	7	7	b	
289	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	7	5	4	21	21	r	tronco danificado na base, cupim
290	aldrago	<i>Pterocarpus violaceus</i>	n	9	7	6	32	32	b	
291	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	3	2,5	2	6	6	b	
292	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	n	4	1,8	3	14+18	32	m	ramos cortados
293	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	7	3	7	55	32	m	tronco danificado
294	ipê-de-El-Salvador	<i>Tabebuia pentaphylla</i>	e	5	2	4	19	19	b	ramos cortados
295	ipê-de-El-Salvador	<i>Tabebuia pentaphylla</i>	e	6	2	4	34	34	b	ramos cortados
296	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	6	2	5	21	21	m	tronco danificado na base
297	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	7	2	6	25	25	b	
298	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	7	6	7	27	27	b	
299	aldrago	<i>Pterocarpus violaceus</i>	n	8	3	6	24	24	b	
300	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	9	6	7	31	31	b	
301	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	8	6	6	28	28	b	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
302	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	9	7	6	24	24	b	
303	jacarandá-mimoso	<i>Jacaranda mimosifolia</i>	e	6	3	2,5	15	15	r	ramos cortados
304	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	4	2	2	8+9+5+7	29	m	
305	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	7	5	5	22	22	b	
306	aldrago	<i>Pterocarpus violaceus</i>	n	7	5	6	25	25	m	danificando a calçada
307	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	8	6	6	22	22	m	tronco danificado
308	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	7	5	6	25	25	r	tronco danificado, cupim
309	aldrago	<i>Pterocarpus violaceus</i>	n	7	2	7	27	27	b	
310	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	4	2	1,5	9	9	b	
311	morta	-	-	6	3	0	27	27	-	
312	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	8	4	6	29	29	m	
313	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	7	5	7	25	25	b	
314	alecrim-de-campinas	<i>Holocalyx balansae</i>	n	9	3	7	31	31	m	
315	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	11	9	7	26	26	b	
316	figueira	<i>Ficus microcarpa</i>	e	12	4	7	61	61	b	
317	alecrim-de-campinas	<i>Holocalyx balansae</i>	n	10	5	6	42	42	m	
318	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	9	3	7	28	28	b	
319	alecrim-de-campinas	<i>Holocalyx balansae</i>	n	7	3	4	26	26	m	
320	alecrim-de-campinas	<i>Holocalyx balansae</i>	n	9	2	6	42	42	m	tronco danificado
321	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	8	4	6	23	23	b	
322	aldrago	<i>Pterocarpus violaceus</i>	n	9	5	6	28	28	b	
323	alecrim-de-campinas	<i>Holocalyx balansae</i>	n	9	6	6	35	35	r	tronco danificado, tronco oco, cupim

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
324	aldrago	<i>Pterocarpus violaceus</i>	n	9	4	7	38	38	b	
325	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	8	5	10	28	28	b	
326	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	n	13	9	5	33	33	b	
327	romã	<i>Punica granatum</i>	n	5	3	4	14	14	b	inclinada
328	uva-japonesa	<i>Hovenia dulcis</i>	e	13	7	6	41	41	b	
329	palmeira-seafórtia	<i>Archontophoenix cunninghamii</i>	e	10	8	5	22	22	b	buracos no tronco
330	palmeira-seafórtia	<i>Archontophoenix cunninghamii</i>	e	14	11	6	31	31	b	buracos no tronco
331	uva-japonesa	<i>Hovenia dulcis</i>	e	7	6	5	27	27	r	tronco danificado na base, cupim
332	eucalipto	<i>Eucalyptus sp.</i>	e	16	9	10	83	83	b	
333	amoreira	<i>Morus nigra</i>	e	6	5	5	21	21	r	tronco danificado, cupim
334	palmeira-seafórtia	<i>Archontophoenix cunninghamii</i>	e	10	8	4	24	24	b	
335	palmeira-seafórtia	<i>Archontophoenix cunninghamii</i>	e	10	8	4	22	22	b	
336	palmeira-seafórtia	<i>Archontophoenix cunninghamii</i>	e	10	8	4	23	23	b	
337	uva-japonesa	<i>Hovenia dulcis</i>	e	14	9	7	37	37	b	
338	palmeira-seafórtia	<i>Archontophoenix cunninghamii</i>	e	8	6	4	23	23	b	
339	palmeira-seafórtia	<i>Archontophoenix cunninghamii</i>	e	12	10	6	29	29	b	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
340	palmeira-seafórtia	<i>Archontophoenix cunninghamii</i>	e	8	6	4	22	22	m	buracos no tronco
341	palmeira-seafórtia	<i>Archontophoenix cunninghamii</i>	e	9	7	5	24	24	b	buracos no tronco
342	árvore-da-china	<i>Bauhinia blakeana</i>	e	7	5	6	30	30	m	inclinada
343	tamareira-anã	<i>Phoenix roebelenii</i>	e	5	3	4	11	11	m	tronco danificado
344	tamareira-anã	<i>Phoenix roebelenii</i>	e	4	2	3	10	10	b	
345	alecrim-de-campinas	<i>Holocalyx balansae</i>	n	9	7	6	38	38	r	tronco danificado, cupim
346	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	9`	7	6	26	26	m	tronco danificado
347	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	4	2	2	8	8	m	tronco danificado
348	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	10	8	6	20	20	b	
349	aldrago	<i>Pterocarpus violaceus</i>	n	7	3	6	25	25	m	
350	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	5	2	3	8+7+4+9+4+5	37	b	variegata
351	alecrim-de-campinas	<i>Holocalyx balansae</i>	n	8	3	6	40	40	r	tronco danificado na base, cupim
352	aldrago	<i>Pterocarpus violaceus</i>	n	8	6	7	26	26	b	
353	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	6	2	6	26	26	b	
354	palmeira-Imperial	<i>Roystonea oleracea</i>	e	5	4	2	27	27	b	
355	falsa-murta	<i>Murraya paniculata</i>	e	2	1,5	1	4	4	b	
356	palmeira-rabo-de peixe	<i>Caryota urens</i>	e	9	6	2	34	34	r	
357	palmeira-rabo-de peixe	<i>Caryota urens</i>	e	9	6	2	33	33	m	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
358	palmeira-rabo-de-peixe	<i>Caryota urens</i>	e	10	7	4	45	45	b	
359	palmeira-rabo-de-peixe	<i>Caryota urens</i>	e	15	13	6	45	45	b	
360	ipê-de-El-Salvador	<i>Tabebuia pentaphylla</i>	e	2	1,5	0,5	5	5	b	muda
361	jasmim-manga	<i>Plumeria rubra</i>	e	6	4	4	26	26	b	
362	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	9	3	6	46	46	m	
363	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	9	6	7	37	37	b	
364	quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	n	8	6	5	29	29	m	tronco danificado
365	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	7	4	6	34	34	b	
366	palmeira-seafórtia	<i>Archontophoenix cunninghamii</i>	e	6	4	2,5	22	22	b	
367	palmeira-seafórtia	<i>Archontophoenix cunninghamii</i>	e	7	5	4	25	25	b	
368	palmeira-rabo-de-peixe	<i>Caryota urens</i>	e	12	7	6	49	49	b	
369	palmeira-rabo-de-peixe	<i>Caryota urens</i>	e	10	8	6	44	44	b	
370	palmeira-rabo-de-peixe	<i>Caryota urens</i>	e	9	7	5	35	35	b	
371	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	5	3	4	23	23	m	inclinada
372	areca-bambu	<i>Dyopsis lutescens</i>	e	1,8	1,5	1	5	5	b	
373	areca-bambu	<i>Dyopsis lutescens</i>	e	2	1,5	1,5	6+5+5	16	b	
374	esponjinha	<i>Calliandra inaequilatera</i>	e	2,5	1,5	2	9	9	b	
375	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	5	1,8	3	3+5+5+7+4+8+7+7+9+5	60	b	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
376	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	5	2	3	11+9	19	b	
377	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	5	2	2,5	7+7+6+6+6+4+4	40	m	tronco danificado
378	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	6	2	3	12+10+19	41	m	cupim
379	escova-de-garrafa	<i>Callistemon viminalis</i>	e	6	2	4	14	14	b	inclinada
380	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	3	1,5	1	4+4+4+4+4+5	25	b	
381	dedaleiro	<i>Lafoensia pacari</i>	n	7	4	3	13	13	r	tronco danificado, cupim
382	morta	-	-	2	1,7	0	4	4	-	
383	alecrim-de-campinas	<i>Holocalyx balansae</i>	n	8	3	6	35	35	r	tronco danificado, cupim
384	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	14	5	10	58	58	m	
385	alecrim-de-campinas	<i>Holocalyx balansae</i>	n	10	4	6	33	33	m	
386	alecrim-de-campinas	<i>Holocalyx balansae</i>	n	9	6	6	45	45	r	tronco danificado, cupim
387	murta	<i>Murraya paniculata</i>	e	3	1,5	1,5	5+5+4+3	17	m	
388	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	4,5	2	2	12	12	b	
389	algodão-da-praia	<i>Hibiscus cf. pernambucensis</i>	n	2,5	2	0,5	4	4	b	muda
390	pitangueira	<i>Eugenia uniflora</i>	n	6	4	4	12	12	b	
391	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	8	3	5	48	48	m	
392	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	8	4	3	35	35	r	
393	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	9	5	4	38	38	m	ramos cortados
394	tamareira-anã	<i>Phoenix roebelenii</i>	e	1,8	1,5	1,5	14	14	b	
395	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	4	2	1,5	10+7+9	26	b	
396	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	4	2	1,5	9+9+10+8	36	b	
397	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	2	1,5	0,5	4+4+3	11	b	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
398	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	2	1,5	0,5	4+4+3	11	b	
399	pata-de-vaca	<i>Bauhinia variegata</i>	e	5	3	4	16	16	b	
400	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	4	2	2	9+8	17	b	
401	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	3	1,5	1	6+6	12	b	
402	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	1,8	1,5	0,5	4	4	b	
403	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	2	1,6	0,5	4	4	b	
404	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	2,5	2,5	1	14	14	m	ramos cortados
405	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	2	1,5	1	10	10	m	ramos cortados
406	escova-de-garrafa	<i>Callistemon viminalis</i>	e	2	1,5	1	6	6	b	
407	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	7	4	6	39	39	r	tronco danificado na base, cupim
408	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	9	5	5	45	45	r	tronco danificado na base, cupim
409	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	10	5	7	53	53	r	tronco danificado, cupim
410	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	10	4	6	61	61	m	
411	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	12	7	10	70	70	m	
412	ipê-branco	<i>Tabebuia roseo-alba</i>	n	2,5	1,7	1	4	4	b	
413	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	7	4	5	37	37	r	tronco danificado na base, cupim
414	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	9	6	5	50	50	r	tronco danificado na base, cupim
415	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	2	1,5	2	8+8+5	21	b	
416	goiabeira	<i>Psidium guajava</i>	n	3	1,5	2	9+10	19	b	
417	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	12	7	9	66	66	r	tronco danificado na base, cupim
418	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	8	5	7	19+19+25	63	r	tronco danificado na base, cupim
419	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	8	5	6	47	47	r	tronco danificado na base, cupim

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
420	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	7	5	5	35	35	r	tronco danificado na base, inclinada
421	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	7	5	5	33	33	r	tronco danificado na base
422	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	7	4	6	35	35	r	tronco danificado na base
423	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	9	6	6	64	64	r	tronco danificado na base, cupim
424	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	9	4	5	62	62	r	tronco danificado na base, cupim
425	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	12	2	9	55	55	r	tronco danificado na base, tronco oco, cupim
426	jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	n	8	5	4	24	24	b	
427	ipê-branco	<i>Tabebuia roseo-alba</i>	n	2,5	1,7	1,5	6	6	b	
428	eucalipto	<i>Eucalyptus sp.</i>	e	7	5	5	32+10	42	b	
429	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	12	7	10	73	73	m	
430	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	13	6	5	58	58	m	
431	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	9	6	5	63	63	r	
432	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	10	5	6	45	45	r	tronco danificado na base, queimado, ramos cortados
433	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	10	6	6	48	48	m	tronco danificado na base
434	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	5	3	3	12+8+10+8	38	b	
435	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	7	4	3	23	23	r	tronco danificado na base, queimado, ramos cortados
436	cítrico	<i>Citrus sp.</i>	e	2	1,5	0,5	5	5	b	
437	goiabeira	<i>Psidium guajava</i>	n	3	1,5	2	9	9	b	inclinada
438	palmeira-rabo-de-peixe	<i>Caryota urens</i>	e	3	1,5	0,5	13	13	r	
439	palmeira-rabo-de-peixe	<i>Caryota urens</i>	e	4	2	2	16	16	b	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
440	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	8	4	6	33	33	m	tronco danificado
441	morta	-	-	9	7	0	40	40	-	
442	morta	-	-	4	2	0	6	6	-	muda
443	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	10	4	6	54	54	m	
444	morta	-	-	2	1,5	0	5	5	-	muda
445	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	15	6	8	54	54	m	
446	morta	-	-	2	1,8	0	6	6	-	muda
447	morta	-	-	1,8	1,8	0	5	5	-	muda
448	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	12	7	9	55	55	m	
449	morta	-	-	2,5	1,8	0	5	5	-	muda
450	morta	-	-	2	1,5	0	4	4	-	muda
451	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	13	6	7	55	55	m	
452	paineira	<i>Ceiba speciosa</i>	n	4,5	2	3	25	25	b	
453	ipê-branco	<i>Tabebuia roseo-alba</i>	n	3	1,8	1	6	6	b	
454	ipê-branco	<i>Tabebuia roseo-alba</i>	n	2,5	1,8	1	6	6	b	
455	jacarandá-mimoso	<i>Jacaranda mimosifolia</i>	e	2	1,7	0,5	3	3	m	
456	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	15	3	8	56	56	r	tronco danificado na base
457	morta	-	-	4	2	0	5	5	-	
458	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	15	3	8	56	56	r	tronco danificado na base
459	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	16	3	9	72	72	r	tronco danificado
460	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	13	3	7	54	54	m	
461	ipê-branco	<i>Tabebuia roseo-alba</i>	n	4	2	2	11	11	b	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
462	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	1,8	1,5	0	3	3	m	muda
463	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	2,5	1,8	0	3	3	m	muda
464	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	2,5	2	0,5	3	3	m	muda
465	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	1,8	1,8	0	3	3	m	muda
466	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	2,3	1,8	0	3	3	m	muda
467	resedá	<i>Lagerstroemia indica</i>	e	2,3	1,8	0,5	3	3	b	
468	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	2,5	1,8	0	3	3	m	muda
469	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	2	0,5	3	3	m	muda
470	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	2	0,5	3	3	r	muda
471	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	2,5	2	0,5	3	3	r	muda
472	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	2	0,5	4	4	m	muda
473	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	2	0,5	3	3	m	muda
474	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	2	0,5	3	3	m	muda
475	resedá	<i>Lagerstroemia indica</i>	e	2	1,8	0,5	4	4	b	
476	morta	-	-	2	2	0	4	4	-	
477	resedá	<i>Lagerstroemia indica</i>	e	2	1,5	1	6+3	9	b	
478	morta	-	-	1,8	1,8	0	3	3	-	
479	morta	-	-	2	1,5	0	4	4	-	
480	resedá	<i>Lagerstroemia indica</i>	e	2	1,5	1	4	4	m	
481	esponjinha	<i>Calliandra inaequilatera</i>	e	3	1,8	1,5	8+8	16	b	
482	goiabeira	<i>Psidium guajava</i>	n	2	1,5	1,5	5+4+4	13	m	
483	pata-de-vaca	<i>Bauhinia variegata</i>	e	5	3	4	13	13	b	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
484	morta	-	-	2	1,5	0	3	3	-	
485	palmeira-rabo-de peixe	<i>Caryota urens</i>	e	3	2	1,5	12	12	b	
486	palmeira-rabo-de peixe	<i>Caryota urens</i>	e	3	2	2	13	13	b	
487	palmeira-rabo-de peixe	<i>Caryota urens</i>	e	5	2	2	12	12	b	
488	palmeira-rabo-de peixe	<i>Caryota urens</i>	e	3	2	2	10	10	b	
489	palmeira-rabo-de peixe	<i>Caryota urens</i>	e	4	2	2	12	12	b	
490	palmeira-rabo-de peixe	<i>Caryota urens</i>	e	6	2	2	12	12	b	
491	palmeira-rabo-de peixe	<i>Caryota urens</i>	e	7	5	2	12	12	b	
492	palmeira-rabo-de peixe	<i>Caryota urens</i>	e	6	3	2	23	23	b	
493	palmeira-rabo-de peixe	<i>Caryota urens</i>	e	6	4	3	17	17	b	
494	palmeira-rabo-de peixe	<i>Caryota urens</i>	e	5	3	2	21	21	b	
495	palmeira-rabo-de peixe	<i>Caryota urens</i>	e	4	2	2	24	24	b	
496	palmeira-rabo-de peixe	<i>Caryota urens</i>	e	5	3	2	21	21	b	
497	ipê-de-El-Salvador	<i>Tabebuia pentaphylla</i>	e	2	1,7	0,5	3	3	b	má formação, muda
498	ipê-de-El-Salvador	<i>Tabebuia pentaphylla</i>	e	2	1,5	1,5	3	3	b	muda

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
499	ipê-de-El-Salvador	<i>Tabebuia pentaphylla</i>	e	1,7	1,5	0,5	3	3	b	
500	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	7	5	4	26	26	r	tronco danificado
501	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	8	4	6	38	38	r	tronco danificado, tronco oco, cupim
502	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	2	0,5	4	4	m	muda
503	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	3	2	0,5	3	3	m	inclinada, muda
504	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	2	0,5	3	3	m	muda
505	morta	-	-	3	2	0	3	3	-	muda
506	resedá	<i>Lagerstroemia indica</i>	e	3	2	1	4	4	m	tronco danificado, muda
507	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	2	2	0,5	3	3	m	muda
508	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	2,5	0,5	3	3	m	muda
509	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	2	0,5	3	3	m	muda
510	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	2	0,5	3	3	m	muda
511	morta	-	-	3	2	0	3	3	-	muda
512	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	3	2	0,5	3	3	r	muda
513	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3,5	2,5	0,5	3	3	m	muda
514	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	2	0,5	3	3	m	muda
515	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	4	3	0,5	3	3	m	muda
516	morta	-	-	3	2	0	3	3	-	muda
517	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	4	3	0,5	3	3	m	muda
518	morta	-	-	3	2	0	3	3	-	muda
519	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	3	2	0,5	3	3	r	muda
520	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	2	0,5	4	4	m	muda

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
521	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	4	3	1	8	8	b	
522	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	4	2	1,5	7	7	b	
523	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	4	3	1	6	6	b	
524	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	5	4	1,5	7	7	b	
525	jacarandá-mimoso	<i>Jacaranda mimosifolia</i>	e	5	4	0,5	8	8	m	
526	jacarandá-mimoso	<i>Jacaranda mimosifolia</i>	e	6	4	2	9	9	b	
527	jacarandá-mimoso	<i>Jacaranda mimosifolia</i>	e	6	5	0,5	6	6	m	
528	jacarandá-mimoso	<i>Jacaranda mimosifolia</i>	e	5	3	1	7	7	b	
529	morta	-	-	3	2	0	7	7	-	
530	canafistula	<i>Peltophorum dubium</i>	e	6	3	4	16	16	b	
531	jacarandá-mimoso	<i>Jacaranda mimosifolia</i>	e	2	1,6	0,5	5	5	m	ramos cortados
532	canafistula	<i>Peltophorum dubium</i>	e	6	2	3	13	13	b	
533	jacarandá-mimoso	<i>Jacaranda mimosifolia</i>	e	3	1,5	1	4+5	9	b	
534	jacarandá-mimoso	<i>Jacaranda mimosifolia</i>	e	4	2	1,5	7	7	b	
535	jacarandá-mimoso	<i>Jacaranda mimosifolia</i>	e	6	2	2	8	8	b	
536	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	2	0,5	3	3	m	muda
537	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3,5	2	0,5	3	3	m	muda
538	ipê	<i>Tabebuia sp.</i>	n	3	1,5	0,5	3	3	m	muda
539	ipê-de-El-Salvador	<i>Tabebuia pentaphylla</i>	e	5	2	4	15	15	b	
540	ipê-de-El-Salvador	<i>Tabebuia pentaphylla</i>	e	8	4	5	25	25	b	
541	ipê-de-El-Salvador	<i>Tabebuia pentaphylla</i>	e	5	3	4	23	23	b	
542	ipê-de-El-Salvador	<i>Tabebuia pentaphylla</i>	e	6	5	4	21	21	m	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
543	ipê-de-El-Salvador	<i>Tabebuia pentaphylla</i>	e	7	5	4	24	24	b	
544	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	3	2	1,5	6	6	b	
545	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	4	2	3	9	9	b	
546	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	4	2	3	10	10	b	
547	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	4	2	3,5	12	12	b	
548	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	5	2	3,5	10	10	b	
549	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	3	1,7	3	10	10	b	
550	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	9	5	10	34	34	r	tronco danificado na base, cupim
551	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	15	20	11	45	45	r	tronco danificado na base, cupim
552	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	10	3	10	42	42	r	tronco danificado na base, cupim
553	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	12	5	9	36	36	r	tronco danificado na base, cupim
554	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	15	5	10	54	54	r	tronco danificado na base, cupim
555	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	2	1,7	1	4	4	b	muda
556	santa-barbará	<i>Melia azedarach</i>	e	7	3	4	15	15	b	
557	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	5	3	2	9	9	b	inclinada
558	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	2	1,7	1	3	3	m	muda
559	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	7	5	6	32	32	r	tronco danificado na base, cupim
560	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	3,5	1,6	2	7	7	b	
561	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	2	1,8	1	4	4	b	muda
562	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	1,8	1,6	1	4	4	b	muda
563	alecrim-de-campinas	<i>Holocalyx balansae</i>	n	9	5	6	40	40	m	
564	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	8	3	5	43	43	b	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
565	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	8	5	5	43	43	b	
566	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	7	3	6	40	40	b	
567	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	7	3	6	49	49	b	
568	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	7	3	5	48	48	b	
569	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	7	3	5	46	46	b	
570	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	7	3	6	28+23	51	b	
571	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	7	2	5	29	29	b	
572	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	5	2	4	13+11+12	36	b	
573	figueira-benjamin	<i>Ficus benjamina</i>	e	5	2	5	24	24	b	
574	-	não identificada	-	4	2	0	7	7	-	muda
575	-	não identificada	-	5	3	0	7	7	-	muda
576	-	não identificada	-	5	3	0	7	7	-	muda
577	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	10	4	7	36	36	b	
578	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	16	5	10	65	65	m	
579	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	17	5	9	68	68	m	
580	sapucaia	<i>Lecythis pisonis</i>	n	15	4	9	82	82	m	tronco danificado na base
581	chapéu-de-sol	<i>Terminalia cattapa</i>	e	6	3	6	20	20	b	
582	-	não identificada	-	5	3	0	7	7	-	muda
583	-	não identificada	-	5	3	0	9	9	-	muda
584	goiabeira	<i>Psidium guajava</i>	n	5	2	4	12	12	b	
585	areca-bambu	<i>Dyopsis lutescens</i>	e	6	5	3	8+8+8+10+5	39	b	
586	areca-bambu	<i>Dyopsis lutescens</i>	e	4	3	1,5	8+8+5+4	25	b	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
587	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	18	6	12	81	81	r	tronco danificado na base, tronco oco, cupim
588	mangueira	<i>Mangifera indica</i>	e	15	6	7	82	82	m	tronco danificado na base
589	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	18	5	12	81	81	m	tronco danificado
590	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	18	6	10	69	69	m	tronco danificado
591	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	18	4	10	82	82	m	tronco danificado
592	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	18	4	11	76	76	m	tronco danificado, inclinada
593	tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	e	5	4	0,5	7	7	b	muda
594	goiabeira	<i>Psidium guajava</i>	n	3	1,5	3	4+3+3	10	b	
595	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	6	3	3	12	12	b	
596	falsa-seringueira	<i>Ficus elastica</i>	e	25	10	20	341	341	b	
597	figueira-benjamim	<i>Ficus benjamina</i>	e	10	4	7	59	59	b	
598	mangueira	<i>Mangifera indica</i>	e	8	4	4	22+21	43	b	
599	abacateiro	<i>Persea americana</i>	e	16	10	6	57	57	b	
600	uva-japonesa	<i>Hovenia dulcis</i>	e	14	10	5	36+29	65	b	
601	uva-japonesa	<i>Hovenia dulcis</i>	e	14	10	5	33	33	b	
602	uva-japonesa	<i>Hovenia dulcis</i>	e	14	10	5	35	35	b	
603	uva-japonesa	<i>Hovenia dulcis</i>	e	14	10	5	28	28	b	
604	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	e	10	7	5	25	25	b	
605	uva-japonesa	<i>Hovenia dulcis</i>	e	10	4	5	29	29	b	
606	uva-japonesa	<i>Hovenia dulcis</i>	e	7	5	3	9	9	b	
607	uva-japonesa	<i>Hovenia dulcis</i>	e	10	7	4	19	19	b	
608	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	e	12	8	5	32	32	b	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
609	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	e	8	4	5	18	18	b	
610	uva-japonesa	<i>Hovenia dulcis</i>	e	12	6	6	33	33	b	
611	uva-japonesa	<i>Hovenia dulcis</i>	e	14	7	7	33+23	55	b	
612	uva-japonesa	<i>Hovenia dulcis</i>	e	14	6	6	37	37	b	
613	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	12	6	4	25	25	b	
614	ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	n	7	4	3,5	14	14	b	
615	dilênia	<i>Dillenia indica</i>	e	3	1,5	2,5	7	7	b	
616	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	12	8	6	42	42	m	
617	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	6	3	3,5	33	33	m	
618	ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	e	15	10	7	55	55	b	
619	jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>	n	14	10	7	52	52	b	
620	pinheiro	<i>Pinus elliottii</i>	e	6	4	2	15	15	r	
621	mangueira	<i>Mangifera indica</i>	e	10	7	6	74	74	m	
622	uva-japonesa	<i>Hovenia dulcis</i>	e	12	8	5	25	25	b	
623	uva-japonesa	<i>Hovenia dulcis</i>	e	12	6	7	27	27	b	
624	uva-japonesa	<i>Hovenia dulcis</i>	e	14	7	7	34	34	b	
625	uva-japonesa	<i>Hovenia dulcis</i>	e	12	6	6	30	30	b	
626	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	8	5	6	39	39	m	
627	pitangueira	<i>Eugenia uniflora</i>	n	5	2	3	5+6	11	b	
628	alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	e	8	4	4	34	34	b	
629	abacateiro	<i>Persea americana</i>	e	12	6	4	46	46	r	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
630	mangueira	<i>Mangifera indica</i>	e	12	5	7	56	56	b	
631	alecrim-de-campinas	<i>Holocalyx balansae</i>	n	5	2	3	11	11	m	sombreada
632	jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>	n	12	6	8	51	51	b	
633	abacateiro	<i>Persea americana</i>	e	5	2	3	5	5	b	muda
634	figo	<i>Ficus carica</i>	e	5	2	3	5+6	11	b	
635	pitangueira	<i>Eugenia uniflora</i>	n	6	2,5	4	10+7+6+11	34	m	
636	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	14	6	7	25	25	b	
637	pata-de-vaca	<i>Bauhinia variegata</i>	e	6	3	4	26	26	m	
638	goiabeira	<i>Psidium guajava</i>	n	5	2	3,5	12	12	m	
639	pitangueira	<i>Eugenia uniflora</i>	n	7	3	5	17+17+10	44	r	com cupim
640	jaqueira	<i>Artocarpus integrifolia</i>	e	12	8	5	47	47	m	
641	araucaria-excelsa	<i>Araucaria columnaris</i>	e	12	8	6	27	27	m	
642	cipreste	<i>Cupressus sempervirens</i>	e	15	10	4	31	31	m	
643	pitangueira	<i>Eugenia uniflora</i>	n	6	2	4	12+12+8+11+8	51	m	
644	goiabeira	<i>Psidium guajava</i>	n	6	3	4	14	14	m	
645	mexerica	<i>Citrus reticulata</i>	e	2	1,5	2	3+3+3	9	b	
646	pitangueira	<i>Eugenia uniflora</i>	n	6	3	4	17	17	b	
647	pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	n	6	3,5	2	12	12	b	
648	uva-japonesa	<i>Hovenia dulcis</i>	e	12	6	6	38	38	b	
649	areca-bambu	<i>Dyopsis lutescens</i>	e	6	4	3	7+5+6+7+6	31	m	
650	árvore-orquídea	<i>Bauhinia blakeana</i>	e	8	5	4	30	30	m	

Anexo 10.3-3 Tabelas

N°	Nome Popular	Nome Científico	Origem	Alt(m)	Fuste	Copa	DAP	Σ DAP	Estado	Observação
651	árvore-orquídea	<i>Bauhinia blakeana</i>	e	8	5	5	26	26	b	
652	árvore-orquídea	<i>Bauhinia blakeana</i>	e	5	3	4	17	17	m	
653	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	8	4	5	20	20	b	
654	romanzeira	<i>Punica granatum</i>	e	4,5	2	3	11	11	b	
655	sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	n	4	2	3	6	6	r	sombreada
656	jambo-amarelo	<i>Syzygium jambos</i>	e	8	5	6	26+25+24	75	b	
657	dilênia	<i>Dillenia indica</i>	e	6	3	3	12	12	b	
658	goiabeira	<i>Psidium guajava</i>	n	5	2,5	3,5	6	6	b	
659	uva-japonesa	<i>Hovenia dulcis</i>	e	8	5	5	16	16	b	
660	pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i>	n	15	10	7	38	38	b	
661	manduirana	<i>Senna macranthera</i>	n	6	4	3,5	15	15	m	
662	alecrim-de-campinas	<i>Holocalyx balansae</i>	n	4	2	2	8	8	m	sombreada



**LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO REALIZADO NA ADA –  
ANEXO 10.3-4**

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



**Foto 1.** Árvores nº1 e 2 – jerivá (*Syagrus romanzoffiana*) e nº20 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*).



**Foto 2.** Árvores nº3 - resedá (*Lagerstroemia indica*), nº4/5/6 - jerivá (*Syagrus romanzoffiana*), nº7 – resedá (*Lagerstroemia indica*), nº8/9 – jerivá, da esquerda para a direita na foto.



**Foto 3.** Árvores nº10 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*), nº11 - resedá (*Lagerstroemia indica*), nº12 – jerivá (*Syagrus romanzoffiana*), nº13 - muda sem identificação, nº14 – resedá, nº15 – jerivá, nº16 – muda sem identificação



**Foto 4.** Árvores nº17/18 – mudas sem identificação e nº19 – resedá (*Lagerstroemia indica*).



**Foto 5.** Árvores nº21 – mulungu (*Erythrina sp.*) e nº22 – espatódea (*Spathodea nilotica*), da esquerda para a direita na foto.



Foto 6. Árvores nº23 – muda sem identificação.



Foto 4. Árvores nº24/25/26/27 – resedá (*Lagerstroemia indica*).



**Foto 8.** Árvores nº28 – chapéu-de-napoleão (*Thevetia peruviana*), nº29/30 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), nº31 – muda não identificada, nº32 – amoreira (*Morus nigra*), nº33/34 - sibipiruna.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 9. Árvore nº35 – muda não identificada.



Foto 10. Árvores nº36 – muda não identificada.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 11. Árvores nº38/39 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 12. Árvore nº40 – morta.



**Foto 13.** Árvores nº41 - muda não identificada e nº42 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 14. Árvore nº44 – pau-ferro (*Caesalpinia ferrea*).



**Foto 15.** Árvores nº45/46 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), nº47 – abacateiro (*Persea americana*), nº48/49 – sibipiruna, da esquerda para a direita na foto.



**Foto 16.** Árvores nº50/51 - mudas de sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*) e nº52 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 17. Árvores nº53/54 – mudas de pau-ferro (*Caesalpinia ferrea*).



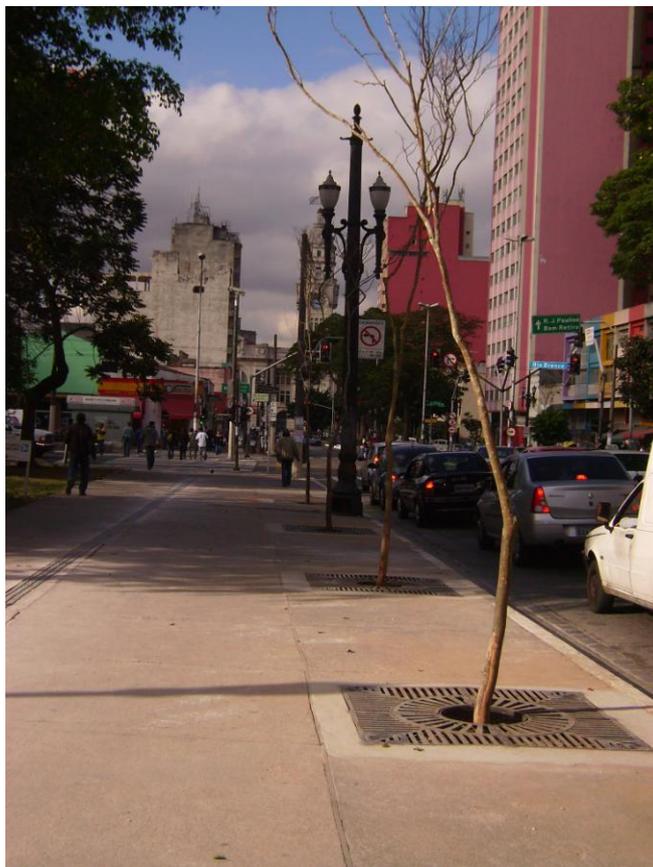
**Foto 18.** Árvores nº55 - sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), nº56 – ipê-roxo (*Tabebuia heptaphylla*), nº57 – leucena (*Leucena leucocephala*), nº58/59 – sibipiruna.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 19. Árvores n°60/61 – pau-ferro (*Caesalpinia ferrea*), mudas.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



**Foto 20.** Árvores n°62/63/64/65 – pau-ferro (*Caesalpinia ferrea*), mudas.

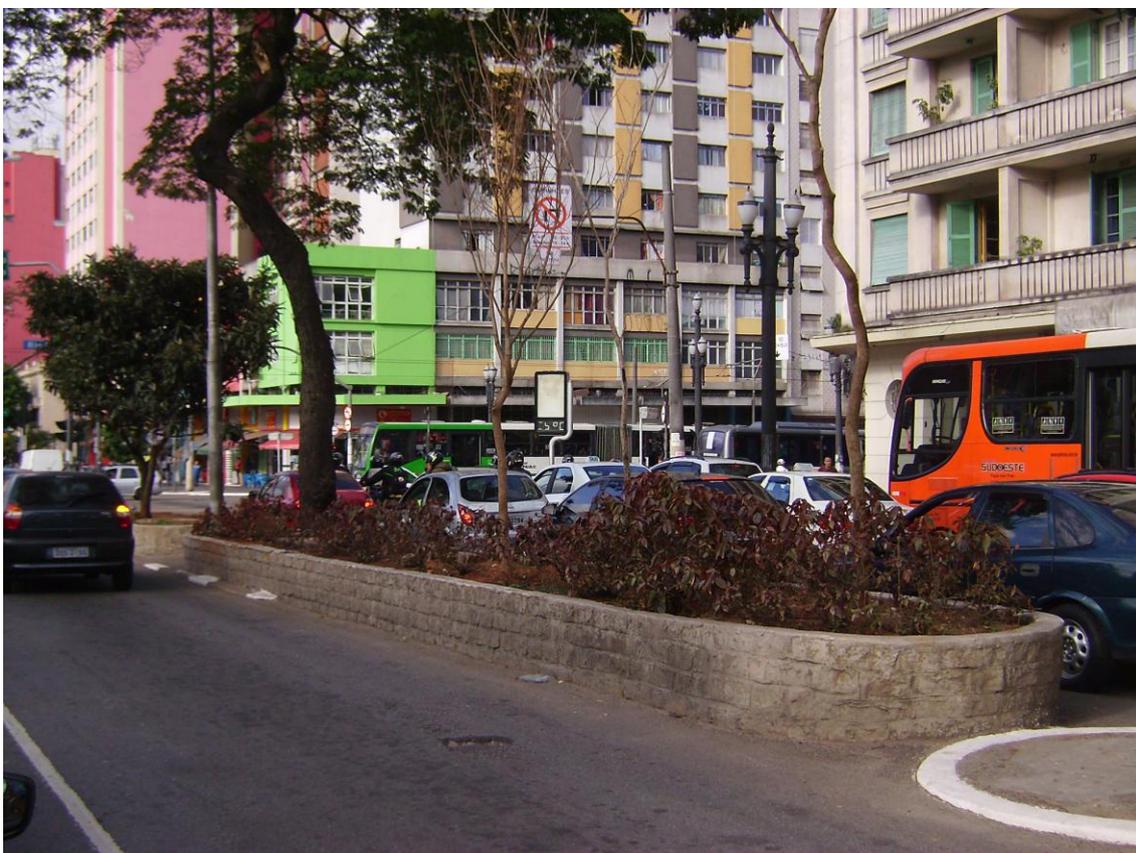
Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 21. Árvores n°66/67/68 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*).



Foto 22. Árvores n°69/70/71/72 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*) e n°73 – ipê-de-el-salvador (*Tabebuia pentaphylla*).



**Foto 23.** Árvores nº74 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), nº75 – morta, nº76/77 – sibipiruna e nº78 – nespereira (*Eriobotrya japonica*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 24. Árvores n°79/80 – pau-ferro (*Caesalpinia ferrea*), mudas.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 25. Árvore nº81 – pau-ferro (*Caesalpinia ferrea*), muda.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 26. Árvore nº82 – ipê-branco (*Tabebuia roseo-alba*).



**Foto 27.** Árvores nº83 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*) e nº84 – ipê-roxo-de-bola (*Tabebuia impetiginosa*).

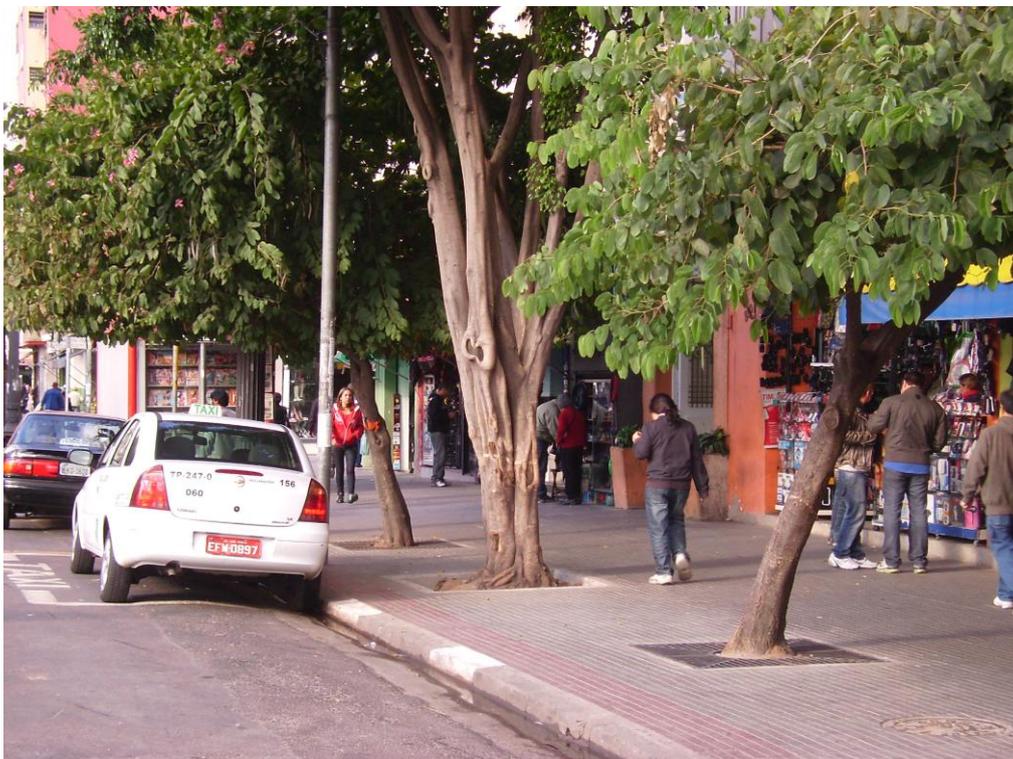
Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 28. Árvore nº85 – pata-de-vaca (*Bauhinia variegata*).



Foto 29. Árvores nº86 – pata-de-vaca (*Bauhinia variegata*) e nº87 – árvore-da-china (*Koelreuteria bipinnata*).



**Foto 30.** Árvores nº88 - pata-de-vaca (*Bauhinia variegata*), nº89 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*), nº90 – pata-de-vaca



**Foto 31.** Árvores nº91 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), nº92 - espatódea (*Spathodea nilotica*), nº93 – morta, nº94 – espatódea, da direita para a esquerda na foto.



**Foto 32.** Árvores n°95 – espatódea (*Spathodea nilotica*), n°96/97 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*) e n°98 – morta, da esquerda para a direita na foto.



**Foto 33.** Árvores n°99 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*), n°100 – ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*) e n°101 – muda sem identificação, da esquerda para a direita na foto.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 34. Árvore nº102 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*).



Foto 35. Árvores nº103 - muda não identificada, nº104 – abacateiro (*Persea americana*) e nº105 – muda não identificada.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 36. Árvores nº106/107/108 – palmeira-imperial (*Roystonea oleracea*).



Foto 37. Árvores nº109 - morta e nº110 – árvore-da-china (*Koelreuteria bipinnata*), da esquerda para a direita na foto.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 38. Árvore nº111 – ipê-roxo (*Tabebuia heptaphylla*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 39. Árvore nº112 – ipê-roxo (*Tabebuia heptaphylla*), muda.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 40. Árvore nº113 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), muda



Foto 41. Árvore nº114 – morta.



**Foto 42.** Árvores nº115 – araucária-excelsa (*Araucaria columnaris*), nº116 e 117 – areca-bambu (*Dypsis lutescens*) e nº118 – pitomba (*Talisia sp.*) e arbustos (*Schefflera actynophylla*).



**Foto 43.** Árvores nº119/120/121/122 – tamareira-das-canárias (*Phoenix canariensis*) e nº123 – palmeira-de-saia (*Washingtonia filifera*).



Foto 44. Árvores nº124 – tamareira-das-canárias (*Phoenix canariensis*) e nº125/126/127/128 – palmeira-de-saia (*Washingtonia filifera*), nº129 – tamareira-das-canárias.



Foto 45. Árvores nº130 – areca-bambu (*Dyopsis lutescens*) e nº131– dedaleira (*Lafoesia pacari*).



**Foto 46.** Árvores nº132 – dedaleira (*Lafoesia pacari*) e nº133 – tamareira (*Phoenix dactylifera*).



**Foto 47.** Árvores nº134, - alfeneiro (*Ligustrum lucidum*), nº135 – citrus (*Citrus sp.*), no canteiro, e nº143/144 – alfeneiro, na calçada



**Foto 48.** Árvore nº136 – dedaleira (*Lafoesia pacari*).



**Foto 49.** Largo General Osório, arborizado com: alfeneiro (*Ligustrum lucidum*), dedaleira (*Lafoesia pacari*), palmeira-de-leque (*Washingtonia filifera*) e tamareiras (*Phoenix canariensis*).



**Foto 50.** Largo General Osório, arborizado com: alfeneiro (*Ligustrum lucidum*), dedaleira (*Lafoensia pacari*), palmeira-de-saia (*Washingtonia filifera*) e tamareiras-das-canárias (*Phoenix canariensis*).



**Foto 51.** Árvores nº137/138 – mortas.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 52. Árvore nº139 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), muda.

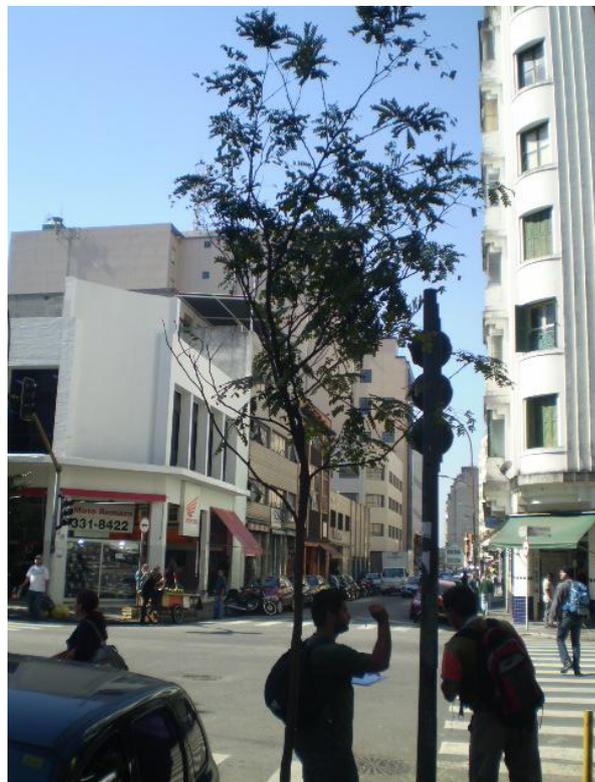


Foto 53. Árvore nº141 – pau-brasil (*Caesalpinia echinata*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 54. Árvore nº142 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*).



Foto 55. Árvores nº145/146 – pau-ferro (*Caesalpinia ferrea*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 56. Árvores nº147 – morta.



Foto 57. Árvores nº148 – árvore-orquídea (*Bauhinia blakeana*).



**Foto 58.** Árvores nº148 – árvore-orquídea (*Bauhinia blakeana*) e nº 149/150 – figueira (*Ficus benjamina*), da direita para a esquerda na foto.



**Foto 59.** Árvores nº151 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*).

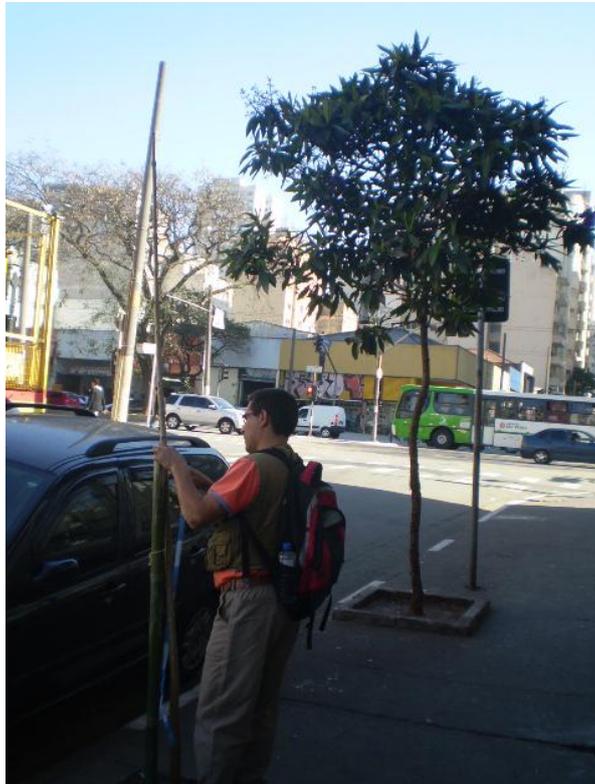
Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 60. Árvores nº152 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*).



Foto 61. Árvores nº153 – ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*), muda.



**Foto 62.** Árvores nº154 – quaresmeira (*Tibouchina granulosa*) e nº155- ipê (*Tabebuia* sp.), da direita para a esquerda na foto.



**Foto 63.** Árvores nº156/157 – ipê (*Tabebuia* sp.) e nº158 – quaresmeira (*Tibouchina granulosa*), da direita para a esquerda na foto.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 64. Árvores nº159/160/161 – ipê (*Tabebuia* sp.), mudas.

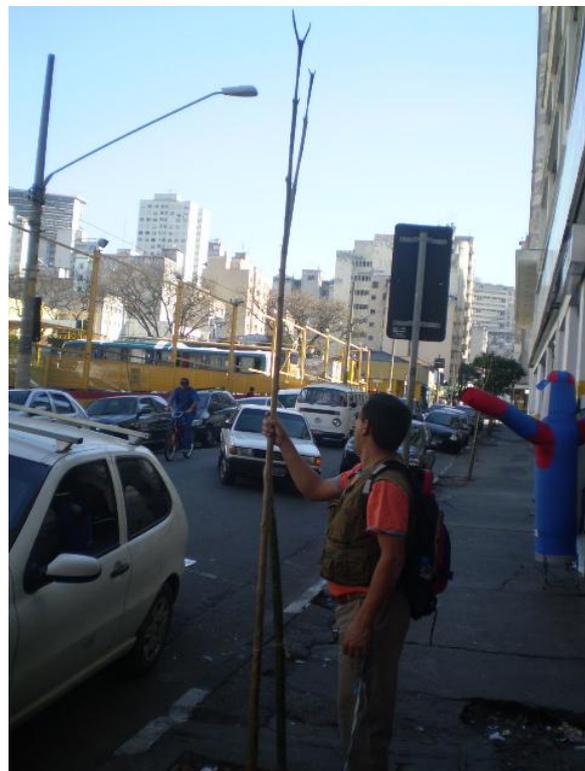


Foto 65. Árvore nº162 – ipê (*Tabebuia* sp.), muda.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 66. Árvore nº163 – ipê (*Tabebuia* sp.), muda.



Foto 67. Árvore nº164 – ipê (*Tabebuia* sp.), muda.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico

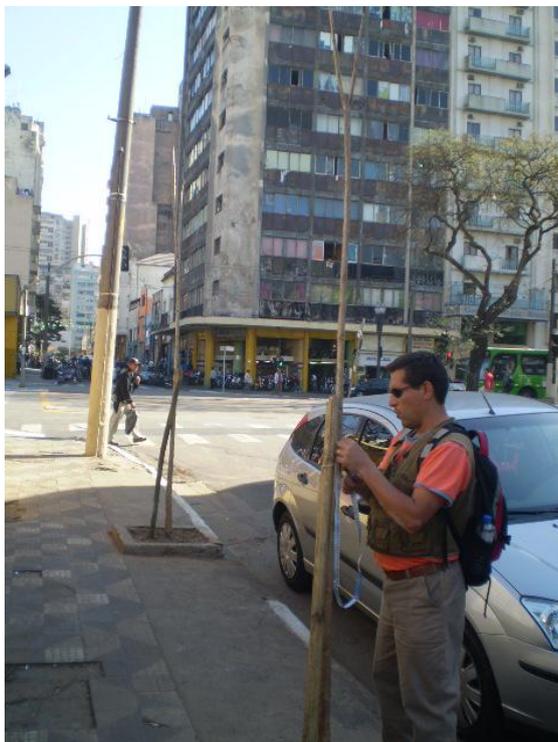


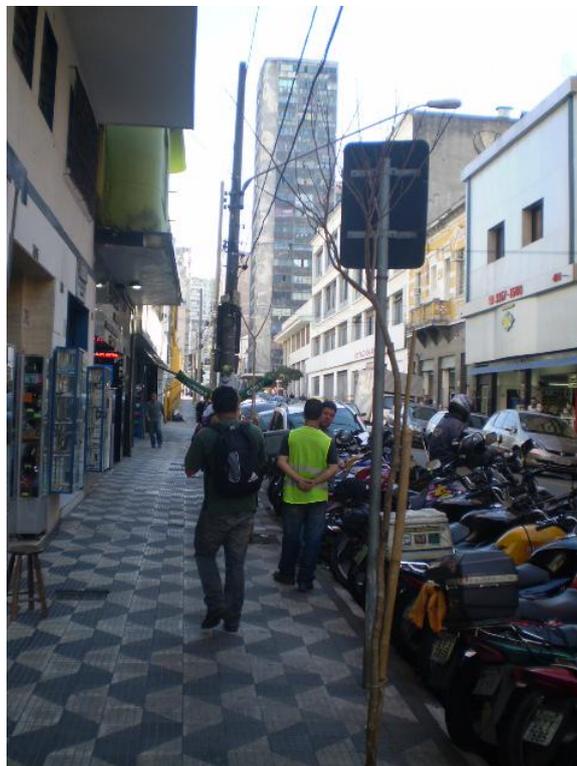
Foto 68. Árvores nº165/166 – ipê (*Tabebuia* sp.), muda.



Foto 69. Árvores nº167 – resedá (*Lagerstroemia indica*).



**Foto 70.** Árvores nº168/169 - ipê (*Tabebuia* sp.), nº170 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), nº171 – ipê



**Foto 71.** Árvores nº172 – ipê (*Tabebuia* sp.) e nº173 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), mudas.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico

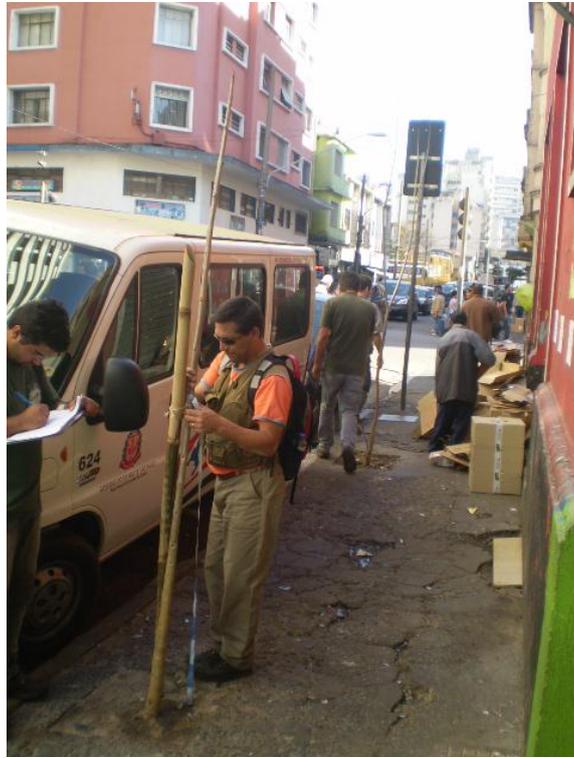


Foto 72. Árvores nº174/175 – ipê (*Tabebuia* sp.), mudas.



Foto 73. Árvore nº176 – ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*), muda.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico

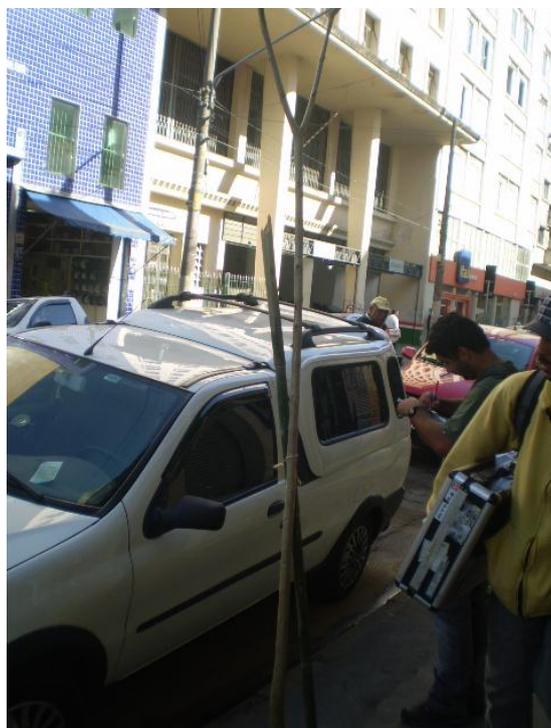


Foto 74. Árvore nº177 – ipê (*Tabebuia sp.*), muda.



Foto 75. Árvore nº178 – morta.



**Foto 76.** Árvores nº179 - ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*), nº180 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), nº181 – ipê-amarelo

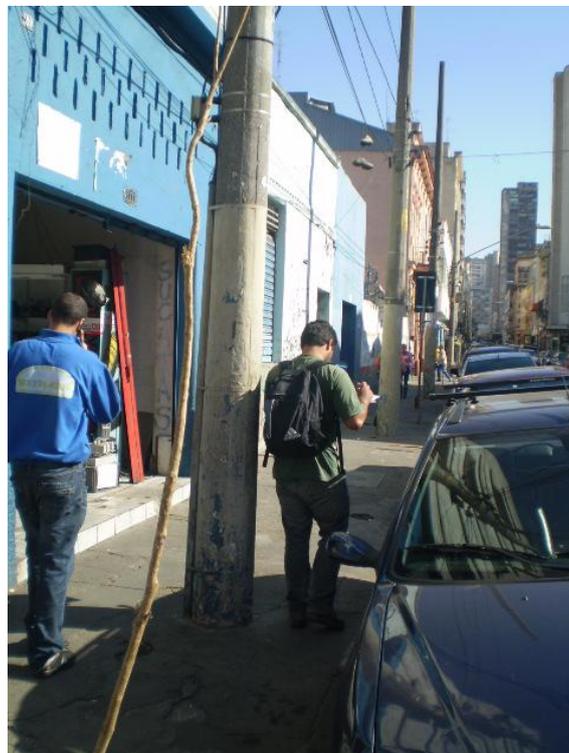


**Foto 77.** Árvores nº182 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), muda, e nº183 – morta.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



**Foto 78.** Árvores nº184 - ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*), nº185 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*) e nº 186 – ipê-amarelo, mudas.



**Foto 79.** Árvores nº187/188/189 – ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*), mudas.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 80. Árvores nº 190 – ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*) e nº 191 – morta.



Foto 81. Árvores nº 192 – ipezinho-de-jardim (*Tecoma stans*) e nº 193 – morta.



Foto 82. Árvore nº194 - ipê-amarelo (*Tabebuia chrysostricha*), muda.



Foto 83. Árvores nº195/196 - ipê-amarelo (*Tabebuia chrysostricha*), mudas.



Foto 84. Árvores nº197 – ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*), muda, e nº198 – morta.



Foto 85. Árvore nº199- ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*), muda.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 86. Árvore nº200- ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*), muda.



Foto 87. Árvore nº201 – ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*), muda



Foto 88. Árvores n°202/203/204/205 – figueira-bemjamin (*Ficus benjamina*).



Foto 89. Árvores n°206 – esponjinha (*Calliandra inaequilatera*) e n°207 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 90. Árvores nº208/209 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*).

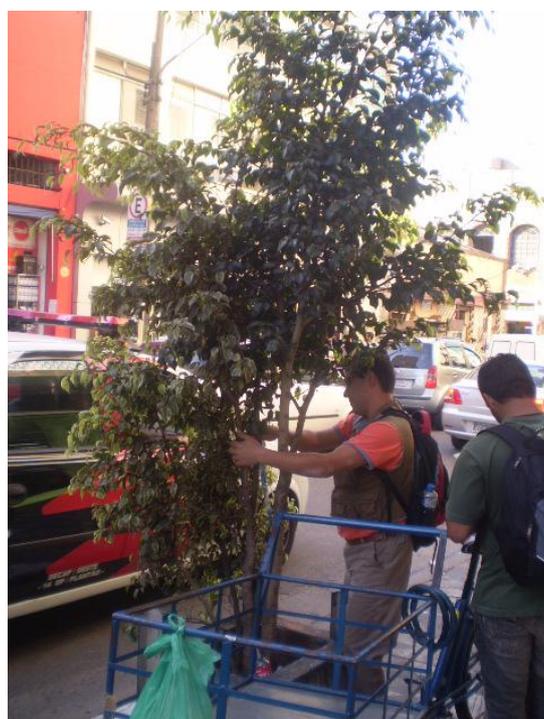


Foto 91. Árvore nº210 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 92. Árvore nº211 – esponjinha (*Calliandra inaequilatera*).



Foto 93. Árvores nº212/213 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*).



Foto 94. Árvores nº214 – resedá (*Lagerstroemia indica*).



Foto 95. Árvores nº215 – pau-brasil (*Caesalpinia echinata*) e nº216 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*), da direita para a esquerda na foto.



Foto 96. Árvore nº217 – rozeirinha (*Schinus terebinthifolius*) e nº218/219 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*), da direita para a esquerda na foto.



Foto 97. Árvore nº220 – jacarandá-mimoso (*Jacaranda mimosifolia*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 98. Árvore n°221 – jacarandá-mimoso (*Jacaranda mimosifolia*).

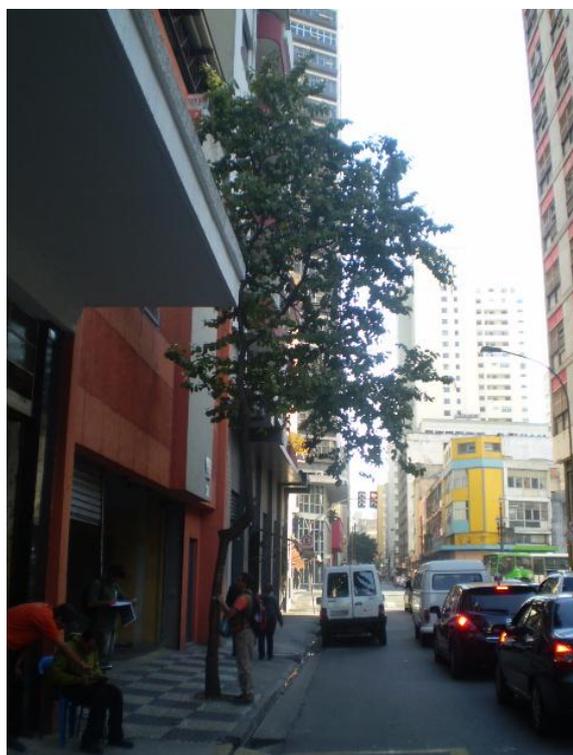


Foto 99. Árvores n°222 – pata-de-vaca (*Bauhinia variegata*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 100. Árvore nº223 – esponjinha (*Calliandra inaequilatera*).



Foto 101. Árvore nº224 – pata-de-vaca (*Bauhinia variegata*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 102. Árvore nº225 – esponjinha (*Calliandra inaequilatera*).



Foto 103. Árvore nº226 – quaresmeira (*Tibouchina granulosa*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 104. Árvore nº227 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*).



Foto 105. Árvores nº228 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico

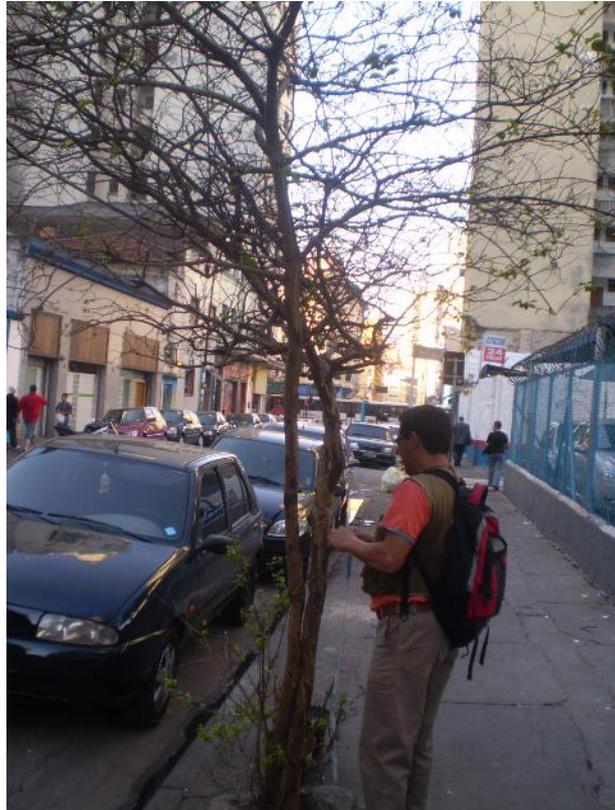


Foto 106. Árvore nº229 – resedá (*Lagerstroemia indica*).



Foto 107. Árvores nº230/231 – palmeira-rabo-de-peixe (*Caryota urens*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 108. Árvore nº232 – tipuana (*Tipuana tipu*).



Foto 109. Árvore nº233 – tipuana (*Tipuana tipu*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 110. Árvore nº234 – santa-bárbara (*Melia azedarach*).

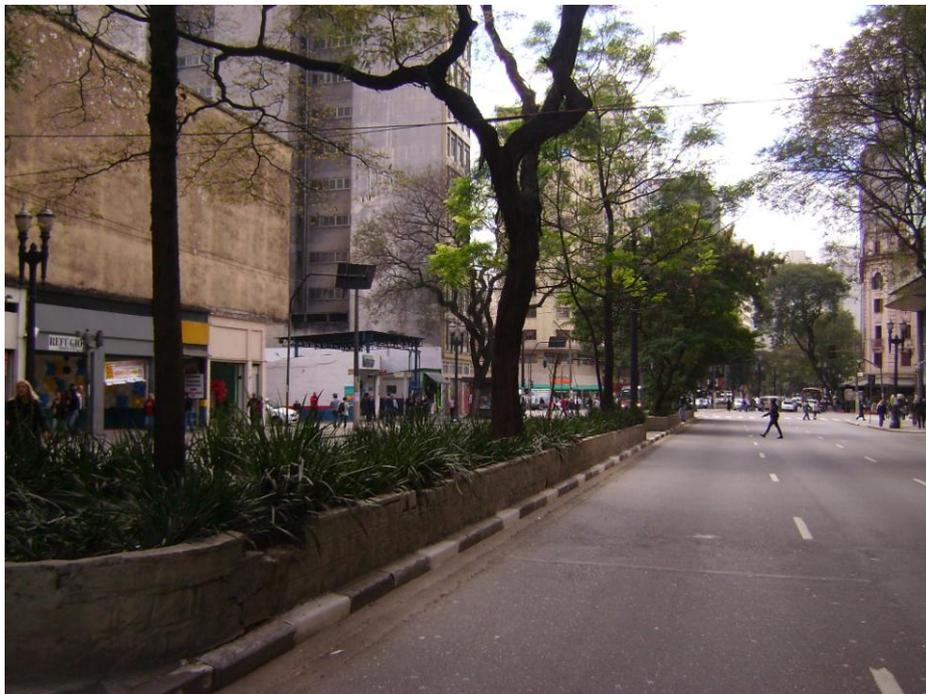


Foto 111. Árvores nº235 – eucalipto (*Eucalyptus sp.*), nº236 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), nº237/238 – santa-bárbara (*Melia azedarach*) e nº239 – leucena (*Leucena leucocephala*), da esquerda para direita na foto.

**PROJETO NOVA LUZ**

Estudo de Impacto Ambiental - EIA

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



**Foto 112.** Árvores n°240 – tipuana (*Tipuana tipu*), n°241 – citrus (*Citrus sp.*) e n°242/243/244/245 – santa-bárbara (*Melia azedarach*), n°246 – tipuana (*Tipuana tipu*), da esquerda para a direita na foto.



**Foto 113.** Árvore n°247 – tipuana (*Tipuana tipu*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 114. Árvores n°248/249 – tipuana (*Tipuana tipu*).



Foto 115. Árvore n°250/251/252/253 – tipuana (*Tipuana tipu*).



Foto 116. Árvores n°254/255 – tipuana (*Tipuana tipu*).



Foto 117. Árvore n°256 – ipê-roxo (*Tabebuia heptaphylla*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 118. Árvores nº257/258 – ipê-roxo (*Tabebuia heptaphylla*).



Foto 119. Árvores nº259/260 – ipê-roxo (*Tabebuia heptaphylla*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 120. Árvore nº261 – tipuana (*Tipuana tipu*).



Foto 121. Árvore nº262 – tipuana (*Tipuana tipu*).



Foto 122. Árvores nº263/264/265 – tipuana (*Tipuana tipu*).



Foto 123. Árvores nº266 – tipuana (*Tipuana tipu*) e nº267 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), da esquerda para direita na foto.



**Foto 124.** Árvores nº268 – tipuana (*Tipuana tipu*), nº269/270 – palmeira-rabo-de-peixe (*Caryota urens*), da esquerda para a direita na foto.



**Foto 125.** Árvore nº271 – tipuana (*Tipuana tipu*).



Foto 126. Árvores nº272/ 273 – palmeira-rabo-de-peixe (*Caryota urens*).



Foto 127. Árvores nº274 e 496 – palmeira-rabo-de-peixe (*Caryota urens*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 128. Árvore nº275 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*).



Foto 129. Árvore nº276 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*).



Foto 130. Árvore nº277 – quaresmeira-roxa (*Tibouchina granulosa*).



Foto 131. Árvores nº278 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), à esquerda, e nº279 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*), à direita na foto.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 132. Árvores nº280/281/282 – tipuana (*Tipuana tipu*).



Foto 133. Árvore nº283 – ipê-roxo (*Tabebuia heptaphylla*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



1.  
2. **Foto 134.** Árvores nº284 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*) e nº285 – resedá (*Lagerstroemia indica*).



**Foto 135.** Árvore nº286 – alecrim-de-campinas (*Holocalyx balansae*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 136. Árvore nº287 – aldrago (*Pterocarpus violaceus*).



Foto 137. Árvore nº288 – ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*).



Foto 138. Árvore nº289 – alfeneiro (*Ligustrum lucidum*).



Foto 139. Árvores nº290 – aldrago (*Pterocarpus violaceus*), de maior porte, à direita na foto, e nº291 – ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*), à esquerda.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



**Foto 140.** Árvores n°292 – quaresmeira-roxa (*Tibouchina granulosa*), de menor porte, à esquerda na foto, e n°293 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*), à direita.



**Foto 141.** Árvores n°294295 – ipê-de-el-salvador (*Tabebuia pentaphylla*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 142. Árvore nº296 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*).



Foto 143. Árvores nº297/298 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 144. Árvore nº299 – aldrago (*Pterocarpus violaceus*).



Foto 145. Árvore nº300 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 146. Árvore nº301 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*).



Foto 147. Árvore nº302 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*).



**Foto 148.** Árvores nº303 – jacarandá-mimoso (*Jacaranda mimosifolia*), à esquerda na foto, e nº304 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*), à direita.



**Foto 149.** Árvores nº305 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), ao fundo, e nº306 – aldrago (*Pterocarpus violaceus*), à esquerda na foto.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 150. Árvore nº307 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*).



Foto 151. Árvore nº308 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*).



**Foto 152.** Árvores nº309 – aldrago (*Pterocarpus violaceus*), à esquerda na foto e nº310 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*), à direita.



**Foto 153.** Árvore nº311 – morta.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 154. Árvore nº312 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*)



Foto 155. Árvore nº313 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*)



**Foto 156.** Árvores nº314 - alecrim-de-campinas (*Holocalyx balansae*), nº315– sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), nº316 – figueira (*Ficus microcarpa*), nº317 – alecrim-de-campinas, nº318 – sibipiruna, nº319/320 – alecrim-de-campinas e 321 – sibipiruna (Praça Júlio Mesquita).



**Foto 157.** Árvores nº322 – aldrago (*Pterocarpus violaceus*), à esquerda na foto, e nº323 – alecrim-de-campinas (*Holocalyx balansae*), à direita (Praça Júlio Mesquita).



**Foto 158.** Árvore n°324 – aldrago (*Pterocarpus violaceus*), na Praça Júlio Mesquita.



**Foto 159.** Árvores n°325 (à direita), 345 (ao centro) e 386 (à esquerda) – alecrim-de-campinas (*Holocalyx balansae*), na Praça Júlio Mesquita.



**Foto 160.** Árvores n°326 – Jerivá (*Syagrus romanzoffiana*) e n°327 – romãzeira (*Punica granatum*).



**Foto 161.** Árvores n°328 – uva-japonesa (*Hovenia dulcis*) e n°329/330 – palmeira seafórtia (*Archontophoenix cunninghamiana*), da esquerda para a direita na foto.



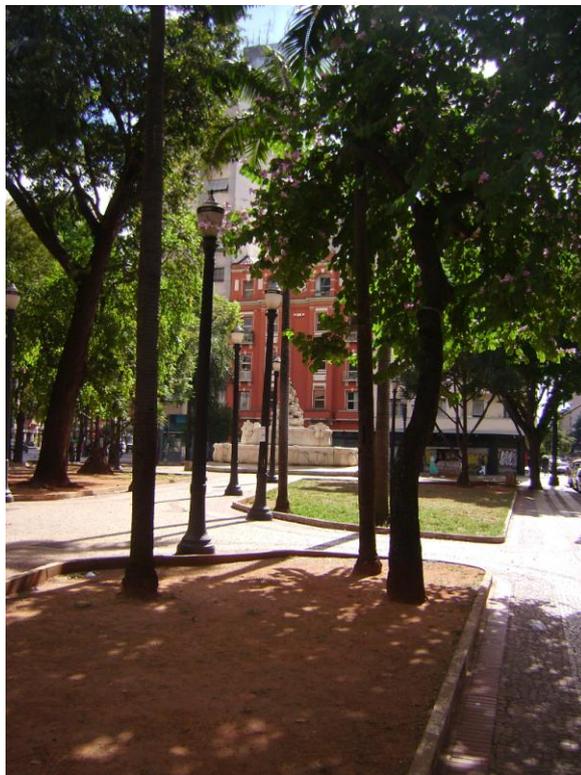
**Foto 162.** Árvores nº331 – uva-japonesa (*Hovenia dulcis*), nº332 – eucalipto (*Eucalyptus sp*), e nº334 – palmeira-seafórtia (*Archontophoenix cunninghamii*) e nº333 – amoreira (*Morus nigra*), da esquerda para direita na foto (Praça Júlio Mesquita).



**Foto 163.** Árvores nº335/336 – palmeira-seafórtia (*Archontophoenix cunninghamii*) e nº337 – uva-japonesa (*Hovenia dulcis*), na Praça Júlio Mesquita.



**Foto 164.** Árvores nº338 e 339 – palmeira-seafórtia (*Archontophoenix cunninghamii*), na Praça Júlio Mesquita.



**Foto 165.** Árvores nº340/341 – palmeira-seafórtia (*Archontophoenix cunninghamii*) e nº342 – árvore-orquídea (*Bauhinia blakeana*), na Praça Júlio Mesquita.



**Foto 166.** Árvores nº343/344 – tamareira-anã (*Phoenix roebelenii*) e nº385 – alecrim-de-campinas (*Holocalyx balansae*), na Praça Júlio Mesquita .



**Foto 167.** Praça Julio Mesquita (Rua Vitória/Rua Mesquita/Avenida São João) arborizada com: aldrago (*Pterocarpus violaceus*), eucaliptos (*Eucalyptus* sp.), figueira (*Ficus microcarpa*), jerivá (*Syagrus romanzoffiana*), palmeira-seafórtia (*Archontophoenix cunninghamii*), pata-de-vaca (*Bauhinia blakeana*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 168. Árvore nº346 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*)



Foto 169. Árvore nº347 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*).



**Foto 170.** Árvores nº348 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), à esquerda na foto, e nº349 – aldrago (*Pterocarpus violaceus*), à direita.



**Foto 171.** Árvore nº350 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*).

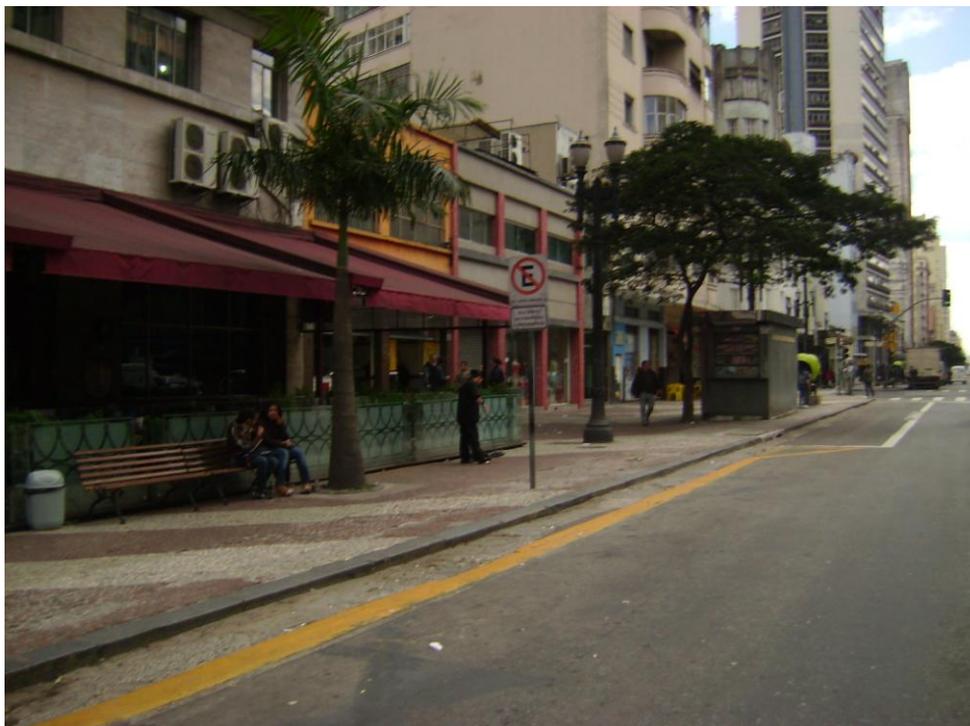
Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 172. Árvore nº351 – alecrim-de-campinas (*Holocalyx balansae*).



Foto 173. Árvore nº352 – aldrago (*Pterocarpus violaceus*).



**Foto 174.** Árvores nº353 – sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), à direita na foto, e nº354 – palmeira-imperial (*Roystonea oleracea*), à esquerda.



**Foto 175.** Árvores nº355 – falsa-murta (*Murraya paniculata*) e nº356/357/358/359 – palmeira-rabo-de-peixe (*Caryota urens*), da direita para esquerda na foto.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



**Foto 176.** Árvores n°360 – ipê-de-el-salvador (*Tabebuia pentaphylla*) e n°361 – jasmim-manga (*Plumeria rubra*).



**Foto 177.** Árvore n°362 – alfeneiro (*Ligustrum lucidum*).



Foto 178. Árvores nº363 – alfeneiro (*Ligustrum lucidum*), à esquerda na foto, e nº364 – quaresmeira-roxa (*Tibouchina granulosa*), à direita.



Foto 179. Árvore nº365 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*).



**Foto 180.** Árvores nº366/367 – palmeira-seafórtia (*Archontophoenix cunninghamiana*) e nº368/369 – palmeira-rabo-de-peixe (*Caryota urens*), da direita para a esquerda na foto.



**Foto 181.** Árvore nº370 – palmeira-rabo-de-peixe (*Caryota urens*).



Foto 182. Árvore nº371 – alfeneiro (*Ligustrum lucidum*).



Foto 183. Árvores nº372/373 – areca-bambu (*Dypsis lutescens*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 184. Árvore nº374 – esponjinha (*Calliandra inaequilatera*), à direita na foto.



Foto 185. Árvore nº375 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*).



Foto 186. Árvores nº376/377/378 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*).



Foto 187. Árvore nº379 – escovinha-de-garrafa (*Callistemon viminalis*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 188. Árvore nº380 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*).



Foto 189. Árvore nº381 – dedaleira (*Lafoesia pacari*)

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico

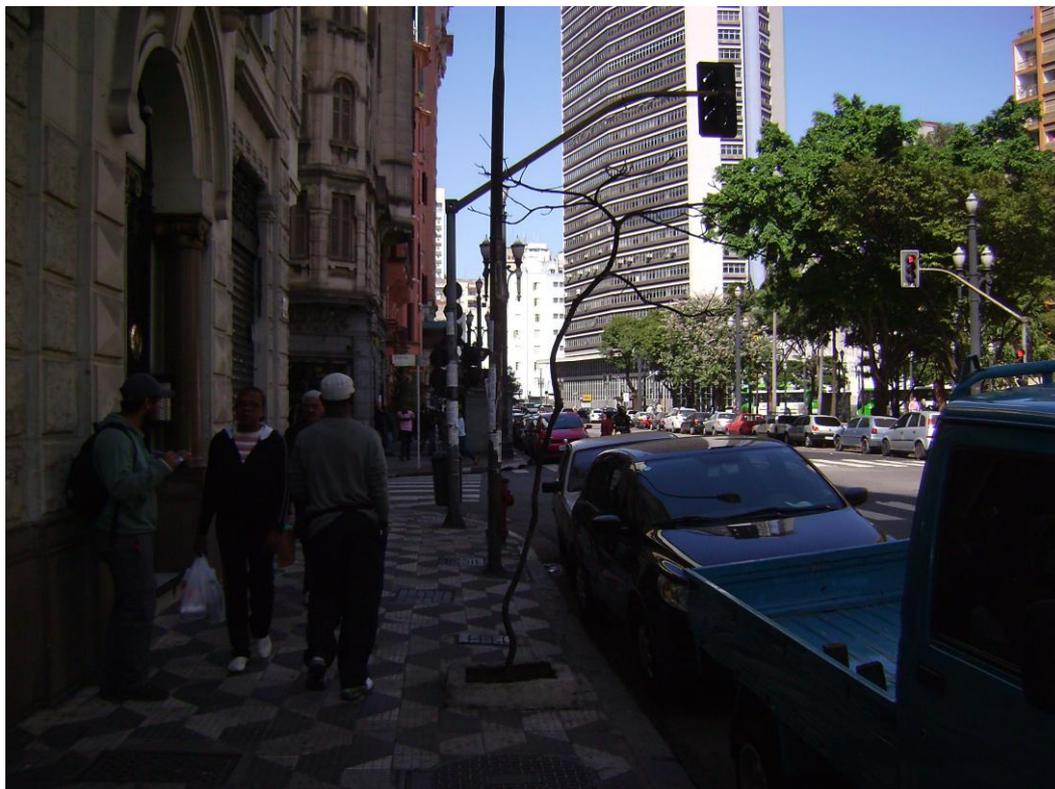


Foto 190. Árvore nº382 – morta.



Foto 191. Árvores nº383 – alecrim-de-campinas (*Holocalyx balansae*), à esquerda na foto, e nº384 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*), à direita.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 192. Árvore nº387 – falsa-murta (*Murraya paniculata*).



Foto 193. Árvore nº388 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*).



Foto 194. Árvore n°389 – algodoeiro-da-praia (*Hibiscus cf. pernambucensis*).



Foto 195. Árvores n°390 – pitangueira (*Eugenia uniflora*), n°391/392 – figueira-benjamin (*Ligustrum lucidum*), da esquerda para a direita na foto.

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 196. Árvore nº393 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*).



Foto 197. Árvore nº394 – tamareira-de-jardim (*Phoenix roebelenii*).

Anexo 10.3-4 – Levantamento Fotográfico



Foto 198. Árvores n°395/396 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*).



Foto 199. Árvores n°397/398 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*).



**Foto 200.** Árvores nº399 – pata-de-vaca (*Bauhinia variegata*), nº400/401 – figueira-benjamin (*Ficus benjamina*), da esquerda para a direita na foto.



**ANIMAIS SINANTRÓPICOS – INFORMAÇÕES  
COMPLEMENTARES –  
ANEXO 10.3-5**

## Características das Espécies de Roedores

### CARACTERÍSTICAS GERAIS

Os roedores urbanos são classificados em: Reino: Animália; Filo: Chordata; Classe: Mammalia; Ordem: Rodentia; Subordem: Myomorpha; Superfamília: Muroidea; Família: Muridae; Subfamília: Murinae; Gêneros: *Mus* e *Rattus* e Espécies: *Rattus rattus*, *Rattus norvegicus* e *Mus musculus* (BABOLIN, 2010).

Esse autor descreve ainda a Ordem Rodentia como a maior Ordem de mamíferos vivos, apresentando uma grande diversidade de tamanhos, formas e hábitos, podendo ser encontrada ao redor do mundo, exceto na Antártida, Nova Zelândia, e em algumas ilhas oceânicas.

Os roedores podem ser classificados quanto à espécie, sexo, grupo etário e modos de vida, segundo o Manual de Controle de Roedores, (BRASIL, 2002).

Trabalhos de diferentes autores citados nesta revisão bibliográfica apontam que determinadas espécies são consideradas sinantrópicas por se associarem ao ambiente antropizado em virtude de terem seus ambientes originais alterados pela ação do próprio homem. Algumas espécies são muito adaptadas ao meio aquático, enquanto outras são igualmente especializadas para a vida em desertos. Muitos são onívoros, outros são altamente especializados, alimentando-se, por exemplo, de apenas um pequeno número de espécies de invertebrados ou fungos. No meio urbano e rural com atividades econômicas predominam as espécies sinantrópicas e algumas espécies silvestres que podem, ocasionalmente, invadir as habitações humanas, (BRASIL, 2002).

Outros estudos também apontam a ratazana (*Rattus norvegicus*), o rato de telhado (*Rattus rattus*) e o camundongo (*Mus musculus*), como as principais espécies sinantrópicas do ponto de vista sanitário, ou de interesse médico, (BRASIL, 2006).

No desenvolvimento dessa abordagem, tais estudos (BRASIL, 2006; SÃO PAULO, 2010) relatam que os ratos são animais de hábito noturno e que dispõem de habilidades sensoriais para se locomover. O hábito de roer é necessário para desgastar seus dentes incisivos, que são de crescimento contínuo. Habilidade utilizada também para vencer obstáculos que possam surgir durante o seu caminho, geralmente na busca por alimento ou por locais para instalação da colônia. Enxergam mal, apresentam alta sensibilidade à luz, percebendo variações de claro e escuro. Sua habilidade olfativa é muito desenvolvida, observa-se movimento contínuo do seu focinho, o que permite localizar algo preferido entre outros objetos ou alimentos de menor interesse, podendo detectar odores atrativos ou repelentes. Dispõem de um paladar apurado aliado a uma boa memória que permite detectar pequenas quantidades de substâncias tóxicas no alimento, uma vez que venham a experimentar tal sabor. A audição do rato é um de seus sentidos mais desenvolvidos, pois reage a qualquer barulho repentino e também ao ultrassom, o que auxilia a detectar e escapar do perigo com muita antecedência. Depois da audição é o tato o sentido mais aguçado. Suas vibrissas (bigodes) estão em contínuo movimento, em contato com o chão, paredes, entre outros objetos, auxiliando a sua orientação. Os longos

### Anexo 10.3-5 – Característica das Espécies de Roedores

pelos tácteis ou sensitivos espalhados por seu corpo, quando em contato com superfícies verticais, também auxiliam na orientação.

Geralmente vivem em colônias ou agrupamentos, onde o número de animais pode variar conforme as condições ambientais do território.

Quando de alguma forma percebem estar ameaçados verifica-se um rápido comportamento de fuga que se alastra em cadeia na colônia, mesmo que a causa real da ameaça não seja percebida por todos. Basta que apenas um único animal perceba o perigo e inicie o movimento de fuga, sendo rapidamente seguido pelos demais, (BRASIL, 2006; SÃO PAULO, 2010).

#### CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS DE ALGUMAS ESPÉCIES

##### ***Rattus norvegicus***

É a espécie predominante no país, muito comum na faixa litorânea brasileira, oriunda da Ásia Central. No Brasil o *Rattus norvegicus* também é conhecido como ratazana, rato-de-esgoto, rato marrom, gabiru, entre outras nomenclaturas populares, (BRASIL, 2002; MASI, 2009), **Figura 1.**

O *Rattus norvegicus* pode ser considerado como a espécie de roedor mais favorecida no meio ambiente urbano principalmente em locais degradados, devido a ocupações clandestinas, elevada densidade populacional em locais com algum tipo de deficiência em infraestrutura básica, como habitação e saneamento. A proliferação deste animal também se acentuou devido à abundância de alimento, oriundo do descarte inadequado de lixo orgânico nessas áreas. O convívio com esses animais favorece ao surgimento de surtos de leptospirose, mordeduras e outros sérios danos à saúde do homem, causado pela ingestão de alimentos contaminados por suas fezes e urina, (SÃO PAULO, 2010).

De acordo com alguns estudos, (BABOLIN, 2010), trata-se de um roedor colonial e o tamanho das colônias pode variar de acordo com as condições ambientais. São de hábitos noturnos, onívoros e sua distribuição ocorre em zonas temperadas, subtropicais e tropicais.

Comumente vistos em beiras de córregos, bueiros, terrenos baldios, lixões, galerias de esgotos, água fluvial, caixas subterrâneas de telefone, eletricidade, entre outros, (BABOLIN, 2010, BRASIL, 2002).

É a espécie de roedor mais importante na cadeia de transmissão da leptospirose, sendo inclusive o principal reservatório dessa bactéria devido ao hábito de viverem em locais que podem propiciar o contato com a água, (BRASIL, 2002; MAIS, 2009).

A convivência com o homem e com sua rotina dentro das metrópoles, alterou algumas características comportamentais desse animal, como a perda da neofobia (desconfiança a objetos e alimentos estranhos), (SÃO PAULO, 2010).

#### Anexo 10.3-5 – Característica das Espécies de Roedores

Alguns autores (MASI, 2009) apontam que o raio de ação das ratazanas (deslocamento a partir da toca) é de aproximadamente 50 metros. Estudos de telemetria indicaram deslocamento de até 3,3km devido à perturbação do ambiente ou escassez de recursos.

Geralmente formam tocas abaixo do nível do solo, utilizando-se das patas para cavar. Aliada à habilidade de roer para construírem as tocas no chão, formam galerias que podem chegar a causar danos às estruturas locais. Podem construir suas tocas no interior das estruturas, geralmente em locais com pouco movimento, próximos às fontes de água e alimentos. Seus ninhos são construídos em área delimitada por feromônios e aí se alimentam, procuram e defendem seus parceiros sexuais, (BABOLIN, 2010; BRASIL, 2002; SÃO PAULO, 2010).



Fonte: BRASIL, 2002.

FIGURA 1 - *Rattus norvegicus*

#### ***Rattus rattus***

Estudos apontam que esta espécie é originária do sudeste da Ásia, local de onde migrou através das rotas comerciais européias, para todos os outros continentes. Atualmente é amplamente distribuída em todo o mundo. No continente asiático é comum em áreas rurais e responsável por enormes prejuízos nas plantações de arroz, milho, cacau, coco e cana-de-açúcar, (MASI, 2009), **Figura 2**.

Predominante na maior parte do interior do Brasil, o ***Rattus rattus*** é conhecido popularmente como rato de telhado, rato de forro, rato de paiol, rato preto, rato de silo ou rato de navio. É um roedor comensal comum nas propriedades rurais em pequenas e médias cidades do interior, (SÃO PAULO, 2010; BRASIL, 2002).

### Anexo 10.3-5 – Característica das Espécies de Roedores

Diferentemente das ratazanas possui hábitos arborícolas, permanecendo em locais altos, como forros, árvores, sótãos e armazéns. Habitualmente caminha sobre muros e até fios da rede elétrica, além de escalar superfícies verticais, comportamento importante em sua disseminação pela área urbana, (MASI, 2009; BRASIL, 2002; SÃO PAULO, 2010).

De acordo com o manual do CCZ (SÃO PAULO, 2010), o ***Rattus rattus*** está presente e em dispersão na cidade de São Paulo. Adaptou-se perfeitamente à arquitetura urbana formada por grandes edifícios e casarões assobradados muitas vezes transformados em cortiços, locais onde encontra grande facilidade para se abrigar e obter alimentos. Tais ambientes são considerados propícios à expansão dessa espécie. Costumam descer ao solo apenas em busca de alimento e raramente escavam tocas.

Caracteriza-se por possuir grandes orelhas e cauda longa, sendo uma espécie onívora com preferência por frutas, grãos de cereais, coco e verduras. Alguns autores (MASI, 2009), consideram que o ***Rattus rattus*** apresenta um estágio intermediário entre a neofilia (curiosidade por coisas novas colocadas em seu ambiente) e a neofobia (desconfiança a objetos e alimentos estranhos).

Apresenta hábito noturno, destaca-se pela habilidade em escalar, faz seus ninhos em locais de difícil acesso, utilizando palha, trapos e até mesmo terra. Outros estudos (BABOLIN, 2010), relatam ainda que este roedor pode passar por orifícios de 2,5 cm, sendo capaz de realizar grandes saltos podendo atingir 77 centímetros no salto vertical e cerca de 2,4 m no plano horizontal.

Possuem o hábito de carregar e estocar alimentos em lugares mais seguros ao invés de ingeri-los nos locais onde os mesmos são encontrados. Sua presença pode ser evidenciada através de manchas de gordura e fezes deixadas sobre o madeiramento do telhado, fios e cabos telefônicos e elétricos por onde eles passam. (MASI, 2009)

Como o *Rattus norvegicus*, o ***Rattus rattus*** também vive em colônia que varia de acordo com as condições ambientais e possui o raio de ação maior que o da ratazana. Sua proliferação nos grandes centros tem sido facilitada pela verticalização das grandes cidades, juntamente com os modelos de decoração, que utilizam forros falsos. Também se beneficiam das galerias utilizadas para passagem de fios e cabos que permitem seu abrigo e movimentação. Tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, a presença do ***Rattus rattus*** é cada vez mais comum e predominante em bairros antes dominados por ratazanas, problema agravado pelo fato dos programas de controle serem direcionados ao controle do *Rattus norvegicus*, (BRASIL, 2002; BABOLIN, 2010).

A relação do ***Rattus rattus*** com a transmissão da leptospirose ainda não está devidamente estudada, ainda que estudos comprovem a capacidade dessa espécie servir como reservatório do agente etiológico (MASI, 2009).

Os institutos de pesquisa já consideram que o potencial transmissor desta espécie deve ser melhor estudado, devido ao possível contato intradomiciliar entre este roedor e o homem. Além disso, o controle desta espécie ser fundamentado também sob o ponto de vista sanitário (BRASIL, 2002).



Fonte: BRASIL, 2002.

FIGURA 2 - *Rattus rattus*

***Mus musculus***

Originário do Irã e da antiga União Soviética, descendente do *Mus musculus wagneri*, originário da Ásia Central, popularmente chamado de camundongo, é conhecido também como mondongo, catita, rato caseiro, rato de gaveta, rato de botica, muricha, entre outros nomes populares. Considerada a espécie com maior nível de disseminação em todas as regiões geográficas e climáticas do mundo, alguns países o consideram como uma praga agrícola. Tem o menor tamanho entre as três espécies urbanas citadas anteriormente, (BRASIL, 2002; MASI, 2009; SÃO PAULO, 2010), **Figura 3**.

Apesar dos riscos que potencialmente pode trazer à saúde humana, uma grande quantidade de personagens infantis foram inspirados nesta espécie, como Mickey Mouse, Jerry entre outros, (SÃO PAULO, 2010). A aceitação e até mesmo a tolerância por parte da população ocorre devido a algumas características morfológicas e hábitos domiciliares destes roedores. O camundongo não causa a mesma repulsa que os ratos maiores.

Como as outras espécies, o homem convive com o *Mus musculus* há alguns milhares de anos e por apresentar um tamanho menor em relação às outras espécies podem ser transportados passivamente para o interior das residências. Com o passar do tempo tornam-se pragas intradomiciliares perigosas, pois podem permanecer por um longo período sem serem notados e ao perceberem sua existência dentro da residência a infestação já poderá estar estabelecida. Seu raio de ação é pequeno, raramente ultrapassa os 3m, entretanto existem relatos principalmente em áreas agrícolas de deslocamento por até 2 km, (BRASIL, 2002; MASI, 2009).

Devido ao hábito preferencialmente intradomiciliar, costuma fazer seus ninhos dentro de armários, fogões, despensas e até mesmo onde são criados animais domésticos. Este animal

#### Anexo 10.3-5 – Característica das Espécies de Roedores

pode cavar pequenos ninhos no solo, semelhantes aos das ratazanas, originando diversos complexos de galerias por onde houver grande oferta de alimentos.

Destaca-se pela habilidade em escalar, dificilmente é visualizado, o que geralmente se observa são manchas de gordura próximas aos rodapés, paredes e orifícios por onde passam, (BRASIL, 2002; BABOLIN, 2010; SÃO PAULO, 2010).

O *Mus musculus* também é onívoro e preferencialmente consome grãos e cereais. São animais curiosos e possuem o hábito de explorar de forma ativa e detalhada o ambiente em que estão. São denominados neófilos, não apresentando o comportamento de neofobia, característico dos ratos de telhado e ratazanas, (BRASIL, 2002; MASI, 2009).

Esses animais podem passar por muitos locais em busca de alimento - cerca de 20 a 30 locais por noite, podendo gerar sérios problemas de contaminação de alimentos, além de dificultar o seu controle por raticidas. Estudos relatam sobre a escassez de informações sobre a real incidência desta espécie no Brasil, e ausência de dados confiáveis a respeito de sua distribuição, dispersão e seu papel na transmissão de doenças, (BRASIL, 2002).

Devido ao hábito curioso, o *Mus musculus* desempenha uma importante função como vetor mecânico de microrganismo patogênico ao homem e aos animais domésticos, (MASI, 2009).



Fonte: BRASIL, 2002.

**FIGURA 3 - *Mus musculus***

O **Quadro 1** apresenta as características e comportamento das principais espécies de roedores sinantrópicos estudados.

Anexo 10.3-5 – Característica das Espécies de Roedores

QUADRO 1 - CARACTERÍSTICAS E COMPORTAMENTO DAS PRINCIPAIS ESPÉCIES DE ROEDORES SINANTRÓPICOS

Comportamento e Características	Ratazana <i>Rattus norvegicus</i>	Rato de telhado <i>Rattus rattus</i>	Camundongo <i>Mus musculus</i>
Peso	150 g a 600 g.	100 g a 350 g.	10 g a 21 g.
Corpo	Robusto	Esguio	Esguio
Comprimento corpo + Cabeça	22 cm	20 cm	9 cm
Cauda	16 cm a 25 cm	19 cm a 25 cm	7 cm a 11 cm
Orelhas	Relativamente pequenas, normalmente meio enterradas no pêlo: 20 mm a 23 mm	Grandes e proeminentes, finas, sem pêlos: 25 mm a 28 mm	Proeminentes, grandes para o tamanho do animal: 10 mm
Focinho	Rombudo	Afilado	Afilado
Fezes	Em forma de cápsula com extremidades rombudas	Fusiformes	Em forma de bastonetes
Hábitat	Tocas e galerias no subsolo, beira de córregos, lixões, interior de instalações, mais comumente fora do domicílio	Forros, sótãos, paióis, silos e armazéns; podem viver em árvores, mais comuns no interior do domicílio.	No interior de móveis, despensas, armários, geralmente no interior do domicílio
Habilidades físicas	Hábil nadador Cava tocas no solo	Hábil escalador Raramente cava tocas	Hábil escalador Pode cavar tocas
Raio de ação	Cerca de 50 m	Cerca de 60 m	Cerca de 3 m a 5 m
Alimentação	Onívoro, prefere grãos, carnes, ovos e frutas.	Onívoro, preferência por legumes, frutas e grãos	Onívoro, preferência por grãos e sementes
Neofobia	Apresentam neofobia marcada em locais pouco movimentados.	Apresentam marcada neofobia	Possuem hábito exploratório (neofilia).
Trilhas	Junto ao solo, próximos das paredes, sob forma de manchas de gordura Formam trilhas no solo causando o desgaste da vegetação. Presença de pegadas, fezes e pêlos.	Manchas de gordura junto ao madeirame de telhados, tubos e cabos. Presença de pêlos e fezes	São de difícil visualização, mas podem ser observadas manchas de gordura junto aos rodapés, paredes e orifícios por onde passam
Gestação	22 a 24 dias	20 a 22 dias	19 a 21 dias
Ninhadas/Ano	8 a 12	4 a 8	5 a 6
Filhotes/Ninhada	7 a 12	7 a 12	3 a 8
Idade de desmame	28 dias	28 dias	25 dias
Idade de maturidade sexual	60 a 90 dias	60 a 75 dias	42 a 45 dias
Vida média	24 meses	18 meses	12 meses

Fonte: Extraído de FUNASA - dezembro/2002, BRASIL, 2002.

## Prejuízos Econômicos e Sanitários Causados por Roedores

Alguns autores destacam que a presença de roedores em áreas urbanas e rurais pode ocasionar sérios prejuízos econômicos além de graves problemas sanitários ao homem. Apontam a participação dos ratos na cadeia epidemiológica de cerca de trinta doenças transmitidas ao homem, conhecidas como zoonoses. Desde a Idade Média foram responsáveis por importantes e graves epidemias, como a peste bubônica e, atualmente a Leptospirose, hantavírus, tifo murino, salmoneloses, febre da mordedura, triquinose, são algumas das principais doenças de extrema importância epidemiológica transmitidas por roedores de forma direta ou indireta, (SÃO PAULO, 2010; ALBUQUERQUE et al. 2008; BRASIL, 2006).

### PREJUÍZOS ECONÔMICOS

Os roedores são responsáveis pela inutilização de aproximadamente 4 a 8% da produção nacional de cereais, raízes e sementes. Nas áreas rurais causam destruição desde o plantio até a armazenagem e podem ser responsáveis pela devastação de culturas de arroz, trigo, milho, cacau e cana-de-açúcar. Em áreas urbanas podem ocorrer danos em estruturas, maquinários, materiais ou até mesmo curtos circuitos ou incêndios, devido à possibilidade destes animais roerem fios elétricos, cabos telefônicos entre outros tipos de materiais ocasionando sérios e graves prejuízos à sociedade, (BRASIL, 2006).

Alguns autores pesquisados descrevem as dificuldades, no Brasil, de se chegar a números exatos ou até mesmo estimados de perdas por danos causados por roedores. Alegam que a divulgação de tais pesquisas não é do interesse dos setores afetados, sobretudo porque os números acabariam por comprometer, eventualmente, a imagem das empresas processadoras de alimento, ou ainda atingi-las com multas, devido à contaminação de seus produtos, por pêlos ou excretas de roedores, (MASI, 2009).

Alguns casos externos ao país podem exemplificar o montante de danos causados pelos roedores. Em pesquisa nessa área, Masi avalia que apenas um rato poderia causar prejuízos de US\$ 20 a 25 por destruição de bens em um ano. No ano de 1993, em Budapeste, na Hungria, foram estimados os danos causados pela infestação por roedores sinantrópicos em 6,4 a 8,5 milhões de dólares por ano. As perdas estimadas para os Estados Unidos por danos causados por roedores são de 19 bilhões de dólares anuais, (MASI, 2009).

Conseqüentemente o controle de roedores gera custos à sociedade, seja pela contratação de serviço privado, seja pela ação dos órgãos públicos no controle de doenças e vetores.

### LEPTOSPIROSE

De acordo com o manual do CCZ, a Leptospirose é uma zoonose de distribuição mundial com ampla distribuição geográfica, comum em áreas urbanas e rurais de todas as regiões do Estado de São Paulo, predominando no município de São Paulo, municípios das regiões da Grande São Paulo, Baixada Santista, Campinas, Sorocaba e Piracicaba, (SÃO PAULO, 2010).

### Anexo 10.3-5 – Característica das Espécies de Roedores

O homem é considerado um hospedeiro acidental e terminal na cadeia de transmissão, sendo pouco eficiente em sua transmissão. Os roedores são considerados os principais reservatórios da doença, sendo os maiores responsáveis por sua transmissão.

O *Rattus norvegicus* é a principal espécie transmissora em centros urbanos e apresenta grande proliferação em grandes cidades, onde as redes pluviais e de esgotos não recebem tratamento adequado e, com frequência, se interconectam causando a contaminação ambiental. Os cães também podem participar da cadeia de transmissão da doença e quando infectados podem eliminá-la através da urina, durante meses, de maneira assintomática. No meio rural outros animais, como os bovinos, suínos, equinos, bubalinos, caprinos e ovinos, estão susceptíveis à infecção e também podem transmitir a doença através do contato com os trabalhadores, (BABOLIN, 2010; SÃO PAULO, 2010).

A leptospirose pode ser considerada como a principal doença transmitida pelos roedores sinantrópicos, mas a presença desses animais, no intra ou no peridomicílio, pode trazer também outros agravos à saúde, como mordeduras, alergias, salmoneloses e verminoses, (MASI, 2009).

De acordo com os procedimentos de vigilância sanitária e epidemiológica adotados pelo município de São Paulo, todo caso suspeito de Leptospirose deve ser investigado visando à confirmação da suspeita e a determinação do local provável de infecção para que as medidas de controle pertinentes sejam realizadas.

Esse procedimento prevê a visita domiciliar a todos os casos suspeitos e, se necessário, visitas aos locais de trabalho e lazer, para investigação das exposições aos fatores de risco e condições favoráveis à ocorrência da doença, itens contemplados na Ficha de Investigação Epidemiológica da Leptospirose que deverá ser preenchida para todos os casos suspeitos.

Todo caso suspeito deve ser notificado ao serviço de zoonoses da SUVIS<sup>1</sup> – Supervisão de Vigilância em Saúde, visando ações referentes às medidas de controle da população de roedores (anti-ratização e desratização). Cabe à Vigilância em Saúde do Município o trabalho constante de educação, com o objetivo de: alertar a população sobre a distribuição da doença, formas de transmissão, manifestações clínicas e medidas de prevenção da doença; esclarecer o problema visando à busca conjunta de soluções, as medidas que os órgãos de saúde estão desenvolvendo e definir formas de participação da população nas ações de controle da doença. (SÃO PAULO, 2010)

---

<sup>1</sup> O município de São Paulo conta com 26 SUVIS, localizadas nas cinco regiões do município de São Paulo – Norte, Sul, Leste, Centro-Oeste e Sudeste, atuando em três áreas: (i) Vigilância Ambiental, para o controle da dengue, roedores e animais sinantrópicos e vacinação anti-rábica para cães e gatos. (ii) Vigilância Sanitária, na fiscalização de comércio varejista de alimentos, medicamentos e serviços de saúde. (iii) Vigilância Epidemiológica, na vacinação e controle de doenças epidêmicas.

## Controle de Roedores

### LEGISLAÇÃO

As atividades de controle de roedores no Brasil e no Estado de São Paulo, começaram no início do século XX, devido à epidemia de peste que assolava o porto de Santos, (MASI, 2009).

No Brasil não há, em âmbito federal, uma legislação específica regulamentadora da atividade do controle de roedores, seja na área da saúde pública, seja no campo da atividade privada. Essa regulamentação passa então à responsabilidade dos Estados pelos seus respectivos códigos sanitários, (ALBUQUERQUE et al. 2008).

O primeiro registro legal conhecido na Cidade de São Paulo, é o Decreto nº 9.850, de 1972, que criou o serviço de controle de roedores, subordinado diretamente ao gabinete do Secretário de Higiene e Saúde, (MASI, 2009).

Criado em 1973, o Centro de Controle de Zoonoses (CCZ) de São Paulo é o órgão responsável pelo controle de agravos e doenças transmitidas por animais (zoonoses), através do controle de populações de animais domésticos e de animais sinantrópicos. É credenciado pelo Ministério da Saúde como “Centro de Referência Nacional para Zoonoses Urbanas” e pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como “Centro Colaborador para Treinamento e Pesquisa em Zoonoses Urbanas”, (SÃO PAULO, 2010).

Com a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) no município em 2001, e com a publicação da Lei nº 13.399, de 2002, que dividia a administração municipal em 31 Subprefeituras, as ações de controle de roedores foram integradas aos serviços das Supervisões de Vigilância em Saúde, mais especificamente à Vigilância em Saúde Ambiental. A partir daí, as diretrizes técnicas que regem essas ações passaram a ser coordenadas, conjuntamente, pela Coordenação de Vigilância em Saúde (COVISA) e pelo CCZ. Com a maior amplitude das ações, o programa de controle de roedores sofreu algumas alterações, que num primeiro momento foram impulsionadas pela dispersão do rato-de-telhado das áreas centrais da cidade para a periferia, (MASI, 2009).

### IDENTIFICAÇÃO

A identificação da espécie de roedor infestante é fundamental para o sucesso das ações de controle. Mais de uma espécie pode estar presente no local de infestação, ainda que essa ocorrência possa ser considerada rara.

Devido a algumas peculiaridades no seu hábito, a presença de roedores pode passar despercebida. Alguns sinais ou indícios podem sugerir uma infestação por roedores num determinado local, tais como a presença de fezes, tocas, ninhos, trilhas de roedores, manchas de gordura nos locais por onde passam, odor característico da urina e a presença de ratos vivos ou mortos, (BRASIL, 2006).

De acordo com o programa de controle de roedores de um determinado município, a presença de roedores deve estar fundamentada em dados que mostrem às autoridades da região, os prejuízos econômicos e sanitários causados pela proliferação desses animais. A melhor

### Anexo 10.3-5 – Característica das Espécies de Roedores

maneira de reunir dados quantitativos sobre o grau de infestação em uma determinada localidade se dá por meio de inspeção das áreas residenciais e comerciais em busca de vestígios da presença de roedores, (BRASIL, 2002).

O Manual de Controle de Roedores é disponibilizado aos profissionais e técnicos que atuam na vigilância epidemiológica e ambiental de doenças transmitidas por roedores, especialmente dos Centros de Controle de Zoonoses - CCZ, oferecido pelo Centro Nacional de Epidemiologia (Cenepi) da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA). O objetivo é fornecer subsídios para o planejamento, a operacionalização e avaliação de programas de controle de roedores nos municípios brasileiros. Este manual também aborda a importância da participação e o envolvimento da população pela educação em saúde, além de oferecer noções de manejo ambiental para a efetividade das ações propostas, (BRASIL, 2002).

#### ÍNDICE DE INFESTAÇÃO PREDIAL

O Índice de Infestação Predial de Roedores é um método de obtenção de dados quantitativos proposto pelo Center for Disease and Prevention Control de Atlanta, Estados Unidos. Refere-se à presença de vestígios de roedores no peri e intradomiciliar, com o propósito de implementar, direcionar e avaliar o desenvolvimento de um programa de controle de roedores. Este método não fornece o número de roedores existentes na área, mas a proporção de imóveis infestados em relação ao total de imóveis inspecionados, geralmente expressa em porcentagem de imóveis infestados. O trabalho consiste na aplicação de questionário sobre a presença de roedores, verificação da situação do imóvel quanto à limpeza, à presença de animais domésticos, locais de armazenagem de alimentos, disponibilidade de alimento, abrigo e acesso para roedores, fornecendo, assim, parâmetros que possibilitam diferenciar as diversas áreas estudadas quanto a suas características ambientais e ao risco de serem infestadas por roedores, (BRASIL, 2002; MASI, 2009; SÃO PAULO, 2010; BABOLIN, 2010).

O levantamento de infestação fornece dados que permite planejar e conduzir um programa de controle de roedores e de manejo ambiental, incluindo melhoria na estrutura dos imóveis, manejo de resíduos sólidos, manutenção de terrenos baldios, remoção de objetos abandonados, além de outras melhorias necessárias, (MASI, 2009).

Não há necessidade de inspeção de todos os imóveis da área alvo para calcular o índice de infestação. A utilização deste método de amostragem aleatória reduz significativamente a mão-de-obra necessária ao levantamento, sendo necessária a realização do mapeamento de toda área-alvo com a numeração de todos os quarteirões existentes na mesma e o número médio de imóveis por quarteirão também deve ser calculado.

De acordo com o Manual de Roedores da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) em casos onde a área contenha menos de três mil imóveis o número mínimo de imóveis que devem ser inspecionados é de quatrocentos e trinta e cinco.

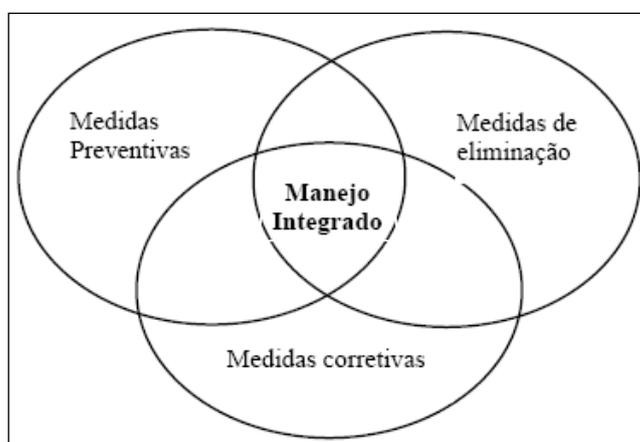
Para áreas onde o número de imóveis varie entre três e dez mil deverão ser inspecionados, no mínimo, quatrocentos e cinquenta imóveis. Áreas com dez mil imóveis ou mais o número mínimo a ser inspecionado é de quinhentos imóveis. Os quarteirões devem ser selecionados, utilizando-se uma tabela de números aleatórios onde, para cada quarteirão, caberá um

### Anexo 10.3-5 – Característica das Espécies de Roedores

número específico. Geralmente os mapas utilizados para controle de doenças da Fundação Nacional de Saúde apresentam os quarteirões já numerados e todos os imóveis incluídos nos quarteirões selecionados devem ser inspecionados ainda que sejam necessárias várias visitas para que se efetue sua inspeção, (BRASIL, 2002).

#### MANEJO INTEGRADO DE ROEDORES

O controle de roedores sinantrópicos é fundamentado, atualmente, no manejo integrado, por meio do conhecimento da biologia, hábitos comportamentais, habilidades e capacidades físicas do roedor associado ao conhecimento do meio ambiente onde está instalado. Um conjunto de ações praticadas de forma simultânea poderá levar ao controle dos roedores a serem combatidos, (BRASIL, 2006), conforme ilustra a **Figura 4**.



Fonte: Extraído de Brasil, 2006.

#### FIGURA 4 – REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DO MANEJO INTEGRADO DAS AÇÕES DE CONTROLE DE ROEDORES.

O manejo integrado de roedores é composto por algumas fases, como a inspeção que consiste na verificação da área, seguido pela identificação da(s) espécie(s) infestante(s), para que algumas medidas corretivas e preventivas (Antirratização) sejam tomadas. A somatória destas ações tem como objetivo dificultar ou até mesmo impedir a penetração, instalação e a proliferação de roedores. Deve ocorrer uma interferência nos meios que propiciem aos roedores acesso ao alimento, abrigo e água.

A disponibilidade dos serviços de coleta de lixo, o aprimoramento da utilização de aterros sanitários, o aperfeiçoamento das legislações sanitárias e o envolvimento e participação da comunidade nas atividades de prevenção e controle por meio de ações de informação, educação e comunicação social a esta população envolvida também devem fazer parte do programa, melhorando, deste modo, as condições de vida e moradia da população.

A desratização engloba diversas ações empregadas para a eliminação dos roedores. Por meio de métodos mecânicos, podem ser utilizadas ratoeiras, gaiolas, aparelhos de ultrassom e eletromagnéticos. Já os métodos biológicos podem contar com a utilização de animais predadores como cães e gatos, porém podem não representar o efeito desejado, pela

### Anexo 10.3-5 – Característica das Espécies de Roedores

convivência e proximidade entre os mesmos ao alimentar-se dos mesmos restos de comida. Em áreas rurais, predadores naturais de roedores como algumas aves, carnívoros e ofídios exercem certa atuação no controle de pequenos roedores. A utilização de bactérias letais aos roedores compreende outro método biológico, porém seu uso não é permitido no Brasil e em outros países principalmente quando os produtos apresentam na sua composição *Salmonella enteritidis*, devido à possibilidade de todas as cepas serem patogênicas ao homem.

O método químico compreende a utilização de raticidas que são produtos químicos concebidos para causar a morte do animal. Os raticidas podem ser classificados em agudos e crônicos, quanto à sua velocidade de ação.

Os raticidas agudos são aqueles que causam a morte do roedor em aproximadamente vinte e quatro horas após a sua ingestão. Foram proibidos no Brasil, pois são inespecíficos, alguns deles não possuem antídoto e poderiam induzir à tolerância, no caso de ingestão de subdoses pelos roedores.

Os raticidas crônicos provocam a morte do roedor alguns dias após a sua ingestão. É vasta sua utilização ao redor do mundo devido à sua grande margem de segurança e à existência de antídoto altamente confiável. Estes raticidas são anticoagulantes e podem pertencer a dois grupos, os derivados da indandiona e os derivados da cumarina, que são os mais utilizados no Brasil e no mundo.

Os hidroxicumarínicos que são derivados da cumarina ainda são divididos em dois sub-grupos, segundo a sua forma de ação, sendo classificados como raticidas de dose múltipla ou de primeira geração e os de dose única ou de segunda geração.

Os raticidas de dose múltipla apresentam baixa toxicidade, tem efeito cumulativo no organismo e devem ser ingeridos mais de uma vez para que sua ação seja exercida. Este produto é eficaz e ideal para manter em postos permanentes de envenenamento durante o ano todo, auxiliando no controle de ratos invasores em áreas íntegras ou em áreas já tratadas e controladas. Seu efeito retardado interfere no tempo de óbito destes roedores, pode variar de dois a cinco dias após a ingestão da dose letal, isso impede que os demais membros da colônia percebam o que os está eliminando, principal fator de sucesso desses compostos.

Os raticidas de dose única causam a morte do roedor entre três a dez dias após sua ingestão. Recomenda-se uma nova aplicação após oito dias da primeira, no sentido de atingir os roedores que eventualmente não tenham ingerido o raticida da primeira vez. Estes raticidas surgiram após o aparecimento de casos de resistência aos raticidas de dose múltipla. Por serem mais concentrados, são mais tóxicos que os anticoagulantes de dose múltipla, devem ser utilizados com bastante cuidado, critério e técnica para se evitar acidentes.

Os raticidas são oferecidos sob diversas formas de apresentação, podem ser em formato de iscas que geralmente são constituídas por uma mistura de dois cereais, alimento mais apreciado por alguns roedores. Podem ser moídas na forma de um farináceo, peletizada formando pequenos grânulos, ou integrais contendo apenas grãos quebrados. Alguns ainda contêm algum tipo de substâncias atrativas. Sempre serão colocadas de forma a serem facilmente encontradas pelos roedores.

### Anexo 10.3-5 – Característica das Espécies de Roedores

Os pós de contato são partículas extremamente pequenas, utilizadas nas trilhas e ninhos, tem a propriedade de aderir aos pelos do roedor, que lambe o corpo ao proceder à sua higiene, ingerindo, assim, o raticida. São mais eficazes e concentrados que as iscas, e devem ser utilizados com muito cuidado e atenção a fim de evitar-se contaminação de alimentos ou causar intoxicações acidentais em outros animais.

Os blocos impermeáveis também são constituídos por cereais granulados ou integrais envoltos por uma substância impermeabilizante, formando um bloco único, geralmente agregado pela parafina. Utilizados em galerias subterrâneas de esgoto, de águas pluviais, canais de irrigação, canalizações fluviais, de fiações elétricas, na orla marítima ou ribeirinha, nas áreas inundáveis e onde a disponibilidade de alimento não seja muito grande.

Todas essas ações de combate deverão ser acompanhadas de medidas de saneamento e controle ambiental. Para maior eficiência, a desratização deve ser realizada, paralelamente, aos trabalhos de limpeza e saneamento, a fim de se evitar a disseminação da população de roedores, (BRASIL, 2006; BRASIL, 2002; MASI, 2009; BABOLIN, 2010).

#### ZOONOSES

A leptospirose é uma zoonose de larga distribuição geográfica no país e, tem como agente etiológico a bactéria do gênero *Leptospira*. A infecção é sistêmica e provoca no homem um quadro agudo caracterizado por intensa vasculite.

Essa doença é causada por uma bactéria helicoidal (espiroqueta) do gênero *Leptospira*, que compreende mais de 200 sorovares, os mais conhecidos são *icterohaemorrhagiae*, *copenhageni*, *canicola*, *pomona*, bactéria aeróbia obrigatória, pode sobreviver em ambientes úmidos (lama e água com temperatura em torno de 27°C) quando desprovido de cloreto de sódio, não resiste à dessecação e é sensível aos ácidos, álcalis e ao hipoclorito de sódio. Desenvolve-se idealmente em pH alcalino e é pouco resistente ao calor. Experimentalmente já foi constatada persistência de leptospirosas viáveis em água por até 180 dias. A transmissão para o homem pode ocorrer, diretamente pelo contato com urina de animais infectados e indiretamente, o que é mais comum, por meio do contato com água e solos lamacentos contaminados com urina destes animais infectados, (SÃO PAULO, 2010; BABOLIN, 2010; MASI, 2009).

Reflete a baixa qualidade de vida e expressa flutuações sazonais, sendo mais freqüente no período das cheias (Soares, 2008). A população residente em fundos de vales inundáveis tem risco maior de contrair a leptospirose. Essa doença se manifesta mais intensamente nos espaços onde há precariedade de saneamento e habitação, lixo acumulado e córregos mal drenados. São localidades que propiciam o aumento de ratos e o contato das pessoas com água ou lama de enchente contaminada pela urina de *Rattus norvegicus*. Trabalhadores que fazem limpeza desses córregos também correm risco de contrair a infecção (Almeida e cols., 1994).

A bactéria penetra no corpo do animal susceptível através da pele íntegra ou lesionada e das mucosas, após algum tempo de exposição ao sítio de contaminação. A água contaminada é tida como principal responsável pela disseminação da leptospirose a todo e qualquer organismo susceptível que com ela entre em contato.

A *Leptospira* abriga-se nos rins dos roedores, de onde é dispersa pela urina para o meio onde o animal vive durante toda a sua vida, esses animais não manifestam nenhum sinal da doença, caracterizando-se como portadores sadios ou assintomáticos, (MASI, 2009).

#### Anexo 10.3-5 – Característica das Espécies de Roedores

Essa doença é um problema prevalente em países de clima tropical e subtropical, principalmente nos períodos de altos níveis pluviométricos, pois esta bactéria apresenta elevada sobrevivência em ambientes úmidos, o que aumenta o risco de exposição e contaminação de animais susceptíveis e seres humanos.

Trata-se de uma doença sistêmica aguda caracterizada por intensa vasculite, podendo acometer animais e o homem. Os principais quadros clínicos em seres humanos incluem a síndrome de Weil, que é a forma mais grave da doença, caracterizada pela presença de febre alta, icterícia, diátese hemorrágica, insuficiência renal, disfunção hepática e pulmonar, associadas a eventuais alterações neurológicas e até colapso cardiovascular. A mortalidade decorre principalmente da insuficiência renal, falência miocárdica irreversível e das alterações pulmonares, como as hemorragias maciças e a síndrome do desconforto respiratório agudo, (SDRA; SÃO PAULO, 2010; MASI, 2009).

Determinados casos de Leptospirose estão relacionados a algumas atividades exercidas por profissionais que trabalham em serviços de água e esgoto, coleta de lixo, tratadores de animais, plantadores de arroz, cortadores de cana-de-açúcar, açougueiro, entre outras. Pela associação com atividades profissionais de risco e pelo fato de existir, no município de São Paulo, um número considerável de pessoas residindo em condições precárias, a Leptospirose ocorre durante o ano todo, inclusive provocando casos fatais. Esse fato é agravado porque é reduzido o número de campanhas sobre a doença, fora dos meses de chuvas intensas e enchentes. Em consequência é menor a procura por serviços de saúde pela população, prejudicando o diagnóstico e o tratamento precoce, pelos profissionais de saúde, (SÃO PAULO, 2010).